

UNIVERSIDADE SANTO AMARO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* DO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cristina das Neves

**SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E DIALOGISMO EM FÓRUNS
DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR**

SÃO PAULO
2018

Ana Cristina das Neves

**SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E DIALOGISMO EM FÓRUMS
DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva.

São Paulo

2018

Neves, Ana Cristina das
Sentimento de pertencimento e dialogismo em fóruns da
Educação a Distância: uma análise interdisciplinar / Ana Cristina das
Neves. - São Paulo, 2018.
98 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade
Santo Amaro – Unisa, 2018.
Orientadora: Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva.

1.Fórum EaD. 2. Identidade. 3. Pertencimento. 4. Ambientes
Virtuais. I. Silva, Lourdes Ana Pereira, orient. II. Universidade Santo
Amaro. III. Título

Ana Cristina das Neves

**SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E DIALOGISMO EM FÓRUNS
DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva.

São Paulo, 11 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel Francisco Guaranha

Profa. Dra. Valquíria Michela John

Profa. Dra. Lourdes Pereira Silva

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me conceder saúde e força nos momentos em que pensei em desistir de minha pesquisa, ao meu amor companheiro que, com muito respeito e ajuda, apoiou meus estudos, entendendo minhas ausências: gratidão ao meu marido Edson.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva, por sua dedicação na orientação pessoal, por e-mail ou via WhatsApp, à Universidade Santo Amaro nas pessoas do Diretor Sebastião Lacarra e da Reitora Profa. Dra. Luciane Lúcio Pereira pela Bolsa de Estudos do Mestrado. Estendo os agradecimentos à bibliotecária Elaine Guglielmello de Andrade pela verificação e confirmação de dados da dissertação e ao corpo docente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas que tanto contribuiu para que pensamentos, pesquisas e estudos fossem lapidados nesta fase, como contribuíram comigo! Gratidão à professora Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos por ter sido minha primeira referência no mestrado e inspiração por seu caráter científico, mas também pela pessoa admirável, exemplo para toda a vida! Não menos importante, agradeço à Profa. Dra. Valquíria Michela John por sua rica participação em minha banca e ao professor Dr. Manoel Francisco Guaranha por sua atenção e participação em minha banca.

RESUMO

Com a difusão do ensino *online*, surgem técnicas para atender a alunos cujos interesses durante o processo de ensino/aprendizagem são diversos. A questão é perceber como ocorre a interatividade e, conseqüentemente, identificar se ocorre a pertença do aluno ao grupo em ambientes virtuais, especificamente no fórum. Esta pesquisa tem o propósito de analisar os enunciados produzidos em fóruns formativos avaliativos na modalidade da EaD e, em perspectiva interdisciplinar, após identificar as características dos fóruns enquanto gênero, examinar monologismo dialogismo do fórum temático avaliativo, analisando as postagens dos alunos; e verificar com base nos dados dos enunciados se este aluno demonstra sentir-se parte deste grupo ou não, tendo como *corpus* fóruns temáticos avaliativos de um curso de Pedagogia, cujas participações se dão em um Ambiente Virtual de Aprendizagem da Educação a Distância. Para atingir este objetivo, nos apoiamos nos estudos identitários de Bauman, Hall e Woodward e nos estudos de linguagem de Bakhtin considerando, em especial, gêneros dos discursos, dialogismo, monologismo e enunciação. A importância da pesquisa deve-se ao entendimento da socialização como fundamental no processo de aprendizagem e à necessidade de refletir sobre a importância do sujeito fazer parte, estar e sentir-se pertencente para que sua identificação seja formada a partir do grupo, já que isso auxilia durante o processo de ensino/aprendizagem em EaD, considerando o crescimento da Educação a Distância e sua relevância social no Brasil. Nossa pesquisa, de caráter interdisciplinar, está ancorada em estudos Culturais, Educacionais e Tecnológicos. A pesquisa, desenvolvida por meio documental, bibliográfico, centrada na pesquisa de campo, deu base para a análise das interações em fóruns temáticos avaliativos possibilitando vislumbrar que no cenário proposto, ao considerar o dialogismo como proposta de interatividade e pertença, ora a vislumbramos esta característica mais presente, ora menos presente nos enunciados analisados em ambientes virtuais de aprendizagem da EaD.

Palavras-chave: Fórum EaD. Identidade. Pertencimento. Ambientes virtuais.

ABSTRACT

With the diffusion of online teaching, techniques are developed to attend students whose interests during the teaching / learning process are diverse. The question is to understand how interactivity occurs and, consequently, to identify whether the student's membership in the group occurs in virtual environments, specifically in the forum. This research has the purpose of analyzing the statements produced in formative evaluative forums in the EAD modality and, in an interdisciplinary perspective, after identifying the characteristics of the forums as a gender, examining monologism dialogism of the thematic evaluation forum, analyzing the students' posts; and to verify based on the data of the statements if this student demonstrates to feel part of this group or not, having like corpus thematic forums evaluating of a Pedagogy course, whose participations take place in a Virtual Environment of Learning of the Distance Education. To achieve this goal, we rely on Bauman, Hall and Woodward's identity studies and on Bakhtin's language studies, especially considering discourse genres, dialogism, monologism, and enunciation. The importance of the research is due to the understanding of socialization as fundamental in the learning process and to the need to reflect on the importance of the subject to be part, to be and to feel belonging so that their identification is formed from the group, since this assists during the teaching / learning process in Distance Education, considering the growth of Distance Education and its social relevance in Brazil. Our research, of an interdisciplinary nature, is anchored in Cultural, Educational and Technological studies. The research, developed through documentary, bibliographic, focused on the field research, gave base to the analysis of the interactions in thematic forums allowing to glimpse that in the proposed scenario, considering the dialogism as proposal of interactivity and belonging, now we glimpse this characteristic more present, and less present in the statements analyzed in virtual learning environments of the EaD.

Keywords: EaD Forum. Identity. Belonging. Virtual environments.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ambiente Virtual de Aprendizagem <i>Moodlerooms</i> – Disciplinas	49
Figura 2 - Ambiente Virtual de Aprendizagem <i>Moodlerooms</i> – Unidades de uma Disciplina	50
Figura 3 – Fórum Temático Avaliativo: Oficina de formação do professor leitor ..	71
Figura 4 – Fórum Temático Avaliativo: Resposta	71
Figura 5 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante 1	72
Figura 6 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante 2	73
Figura 7 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante em dialogar.....	74
Figura 8 - Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal 1	75
Figura 9 - Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal 2	75
Figura 10 - Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal 3	76
Figura 11 - Fórum Temático Avaliativo: Dialógicos e monológicos 1	77
Figura 12 - Fórum Temático Avaliativo: Dialógicos e monológicos 9	77
Figura 13 - Fórum Temático Avaliativo: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem	82
Figura 14 - Fórum Temático Avaliativo: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.....	83
Figura 15 - Fórum Temático Avaliativo: Objetivação	83
Figura 16 - Fórum Temático Avaliativo: Monólogo	84
Figura 17 - Fórum Temático Avaliativo: “eu” 1	85
Figura 18 - Fórum Temático Avaliativo: “eu” 2	85

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	IDENTIDADE E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	16
1.1	Identidade na pós-modernidade em perspectiva interdisciplinar	16
1.2	O sentimento de pertencer na pós-modernidade	26
2	A TECNOLOGIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	34
2.1	Desdobramentos tecnológicos	34
2.2	Contextos sociais e históricos da EaD	38
2.2.1	O Ambiente Virtual de Aprendizagem	47
3	DIALOGISMO NOS FÓRUNS EaD	53
3.1	O dialogismo de Bakhtin nos fóruns e sua relação com o pertencer.....	53
3.2	Fóruns do curso Pedagogia EaD	64
4	ARTICULAÇÕES ENTRE DIALOGISMO E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	69
4.1	Análises dos enunciados do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Oficina de formação do professor leitor.....	70
4.2	Análises dos enunciados do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.....	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS.....	95
	ANEXO A – Fórum Temático Avaliativo	
	ANEXO B – Oficina de Formação: Participantes	
	ANEXO C – Fórum Avaliativo: Psicologia	
	ANEXO D – Psicologia: Participantes	

INTRODUÇÃO

“Homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo” (HOBBSAWM apud BAUMAN, 2003, p. 20).

“As complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem.” (BAKHTIN, 2003, p. 379).

Nos dias de hoje e após o desenvolvimento das tecnologias, vivemos muitas mudanças sociais, culturais e individuais, as quais se refletem nas mais diversas áreas, incluindo, na maneira como são transmitidas informações, como ocorrem as interações e no desenvolvimento da comunicação. O processo de ensino e aprendizagem, por exemplo, tem sido revisto constantemente e, com o acesso facilitado à internet, a modalidade de ensino a distância tem crescido e se desenvolvido no Brasil de forma acelerada, conforme dados do Censo da Educação Superior de 2017, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

A globalização é o fenômeno que contribui para estas mudanças, alterando noções de tempo e de espaço, as quais são percebidas não somente na educação a distância, mas em contextos sociais diversos. Assim, estruturas antes vistas como fixas passam a ser móveis e o sujeito sente-se deslocado, não há mais referências do pertencer, criando uma crise de identidade. Como as noções de tempo e de espaço se transformam, o sujeito, que tradicionalmente busca pertencer a um grupo específico, tende a sentir dificuldade em definir a que pertencer e como interagir neste novo contexto social.

Considerados esses aspectos, o problema de pesquisa consiste em verificar a ocorrência da interatividade e, conseqüentemente, a pertença do aluno em ambientes virtuais, especificamente no fórum e, conseqüentemente, se esse tipo de aluno se sente parte do grupo. Assim, a interação abordada nesta dissertação e, conseqüentemente, as questões de linguagem terão como aporte teórico a filosofia da linguagem de Bakhtin (1999; 2003; 2008; 2016) e Volochinov (2017); enquanto que o pertencimento e a identidade terão como base alguns estudos de Bauman (1998; 1999; 2001; 2003; 2005; 2008); Silva (2000a; 2000b); Woodward (2000) e Hall (2000; 2005).

Esta interatividade, presente de forma tão espontânea na educação presencial, é almejada na EaD e uma das ferramentas mais utilizadas para promoção do conhecimento e da interatividade é o fórum. Este é muito utilizado, porque viabiliza o debate de ideias sobre determinado assunto, possibilitando o envio e a recepção de mensagens com pontos de vistas diferentes sobre o mesmo assunto. Por possuir essas características, essa ferramenta – bem como outras da EaD – depende principalmente da linguagem e de seu fator comunicacional para se efetivar.

A aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo também ocorrem por meio da interação social, mediada pela utilização de instrumentos e jogos de linguagem. Para qualquer interação pelo menos duas pessoas precisam estar envolvidas na troca de informações, essa interação gerará experiências e, conseqüentemente, conhecimento, mesmo que a interação não ocorra em uma situação formal de ensino. Freire enfatiza isso na questão formal, quando aborda que o professor deve construir, junto ao alunado, a autonomia nas ações de cidadania e de educação, de forma geral, em todos os âmbitos.

No que tange à educação e ao processo de ensino e aprendizagem, as bases da comunicação e de difusão das informações mudaram com o desenvolvimento da internet e da tecnologia. Vygotsky demonstrou a importância de elementos mediadores no processo de aprender, indicando o signo – que demonstra a capacidade do homem em realizar representações mentais em relação a objetos concretos – como um elemento mediador. Atualmente, os meios digitais e suas plataformas se colocam como novos signos e, conseqüentemente, novos elementos mediadores.

Esses novos mediadores, conforme levantamento bibliográfico, estão massivamente presentes nos estudos realizados a partir das plataformas acopladas ao que chamamos, atualmente, de Educação a Distância, doravante EaD. Embora o texto verbal em formato de e-books ainda apareça com singular importância na geração de comunicação, as plataformas digitais disponibilizam diversas ferramentas de interação como jogos, chats, fóruns, dentre outras. Com efeito, os processos de tecnologia estão se desenvolvendo e modificando, assim, conceitos tradicionais de cognição e de transmissão de conhecimento.

A EaD não deve ser percebida como um sistema que faz tábula rasa dos conceitos da Educação Presencial, pelo contrário, os pedagogos clássicos estão presentes nas teorias e práticas educacionais, quer se trate de sistemas presenciais ou a distância. As técnicas se modificam justamente para atender às mudanças sociais que caracterizam também alterações nos padrões de comunicação e difusão da informação, como já salientamos.

Para contextualizar a EaD, exploraremos um recorte específico para a compreensão de seu desenvolvimento sem pormenores, devido à delimitação temporal e espacial deste estudo. Demonstraremos seus primórdios mundiais, seu marco inicial no Brasil, ressaltando que a modalidade é a que teve o maior índice de ingresso de alunos, conforme o Censo 2017.

O desenvolvimento dessa modalidade e as discussões que a permeiam estão basicamente centradas no interesse em se pontuar, quantificar e qualificar pesquisas que demonstrem sua eficiência para a promoção do processo de ensino e aprendizagem. Afinal, é de interesse oportunizar o saber a todos e com qualidade. Dessa forma, também parece relevante discutirmos e, assim proporemos, abordar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, relacionando-os, em especial, à ferramenta que pode viabilizar, por meio da interação, o sentimento de pertencimento de modo a favorecer o processo de ensino e aprendizagem, o fórum.

Em EaD, o Ambiente Virtual de Aprendizagem é o principal caminho de comunicação entre os atores envolvidos e os alunos. Assim, é mister a descoberta de maneiras eficientes de comunicação. Muitos são os relatos de incompreensão das informações nestes ambientes e, mais do que isso, os resultados da transmissão de informações efetuadas nem sempre são os esperados por aquele que as emitiu.

Outras formas de aprender surgem, como, por exemplo, games, filmes, e-books e fóruns. Todas são ferramentas utilizadas para aumentar a motivação dos alunos e promover a aprendizagem. Como essas ferramentas podem fazer com que alunos separados fisicamente sintam-se parte de um mesmo grupo, uma mesma instituição? Considerando cursos de ensino superior EaD, como se caracteriza a pertença e a identidade dos alunos em um fórum avaliativo no âmbito do Ambiente Virtual de Aprendizagem? Acreditamos que considerando e analisando os fatores de identidade e pertencimento nos fóruns é possível responder esses questionamentos.

Isso é viável, porque, ao compreender a importância do interlocutor no processo de interação, podemos refletir sobre comunicação e informação e suas inter-relações com o processo amplo de ensino e aprendizagem na EaD.

O mapeamento aos bancos de dados CAPES, BDTD e USP foi realizado para que fosse possível a revisão da literatura das principais temáticas que abordaremos, quais sejam: sentimento de pertencimento; Educação a Distância; fóruns; interação e linguagem. As pesquisas realizadas possibilitaram o reconhecimento de que muitas têm sido as investigações a respeito da Educação a Distância, Ambientes Virtuais de Aprendizagem e de fóruns. É notadamente percebido discussões sobre a eficiência e eficácia da comunicação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, em especial nos fóruns. Também se versa da importância das interações para a promoção da aprendizagem e que destas interações no Ambiente Virtual os alunos passam a ter contato por outros meios.

Os estudos que abordam a temática do pertencimento demonstram uma crescente dificuldade do indivíduo em fazer parte de algo. As pesquisas demonstram, ainda, que as exclusões na sociedade globalizada são percebidas cada vez maiores e, ao mesmo tempo em que há dificuldade de se criar raízes sociais, culturais e até políticas, há necessidade, interesse e busca em pertencer, em ter uma referência. A revisão de literatura demonstrou, porém, que os estudos do sentimento de pertencimento, via de regra, são abordados enquanto espaço territorial específico e físico ou a grupos étnicos. Assim, embora, haja tratativas no âmbito do pertencimento virtual com estudos que refletem esta nova característica do pertencer enquanto dimensão ampliada, há uma lacuna que pode ser explorada em relação aos estudos quanto ao sentimento de pertencimento dos alunos EaD no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Portanto, o presente estudo se justifica, pois buscará apresentar a integração de ambas as frentes de estudos, possibilitando, assim, discussões interdisciplinares relacionando o sentimento de pertencimento em Ambiente Virtual de Aprendizagem, em especial nos fóruns da EaD. Considera-se importante entender como os sujeitos que interagem nesse meio digital se sentem parte dessa rede, pois, como Bauman reflete, no processo de globalização, muda-se o conceito de pertencimento. Na área da Educação, o sentimento de pertencimento é importante, porque ele pode afetar o

próprio processo de ensino e aprendizagem no que tange ao interesse e à motivação do alunado.

Esta dissertação se propõe, assim, interdisciplinar porque se debruça e pretende relacionar diferentes áreas do conhecimento, a saber: a educação, com destaque para a EaD, os estudos da linguagem, da tecnologia e os estudos identitários. Para isso, exploraremos os conceitos de Educação a Distância por meio de (BATES, 2016; LITTO, 2009; MORAN, 2011); tecnologia (OROZCO, 2005; 2006; JENKINS, 2009; 2014) globalização, pertencimento e identidade, a partir dos estudos de (BAUMAN, 1998; 1999; 2001; 2003; 2005; 2008; HALL, 2000; 2005). Retomaremos também os conceitos de gênero discursivo, dialogismo, monologismo e enunciação de (BAKHTIN, 1999; 2003; 2008; 2016).

A pesquisa é do tipo documental, já que a análise textual verbal dar-se-á utilizando recortes de atividades reais de um grupo de 45 alunos da primeira turma de graduação em pedagogia EaD da instituição e visa identificar fatores que demonstrem a caracterização ou não do sentimento de pertença. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, baseada sobretudo na seleção de livros e artigos. Essa pesquisa é qualitativa e quantitativa, partindo de uma coleta das participações (não editadas) dos estudantes no fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem de uma única turma do curso de Pedagogia.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os enunciados produzidos em fóruns formativos avaliativos na modalidade da EaD, a partir dos aportes teóricos dos estudos identitários e da linguagem. Para tanto, tomaremos por base duas teorias que embora com epistemologias distintas, afluem para o entendimento da análise proposta: estudos identitários (BAUMAN, 1998; 1999; 2001; 2003; 2005; 2008; SILVA, 2000a; 2000b; WOODWARD, 2000 e HALL, 2000; 2005) e a filosofia da linguagem (BAKHTIN, 1999; 2003; 2008; 2016; VOLOCHINOV, 2017). Os objetivos específicos são: (a) identificar as características demonstrando os fóruns enquanto gênero discursivo; (b) examinar o dialogismo do fórum temático avaliativo, analisando recortes das postagens dos alunos e; (c) verificar com base nos dados dos enunciados se este aluno demonstra sentir-se parte deste grupo ou não.

A Instituição de ensino na qual será realizada a pesquisa é um Centro Universitário, situado na região sul da Cidade de São Paulo. Fundada em 1949, a instituição inicia a oferta do ensino superior em 1972, porém nos últimos anos têm

promovido o desenvolvimento, também, da EaD, primeiramente, como preconiza o MEC pela oferta dos 20% on-line nas disciplinas dos cursos presenciais e, há dois anos, estabelecendo os cursos EaD, primeiramente os de graduação tecnológica e, agora, em segundo momento, a licenciatura em Pedagogia.

Analisaremos os fóruns formativos avaliativos dos estudantes que cursaram Pedagogia no período de abril a junho de 2018. O período foi definido por ser uma turma que iniciou o curso no primeiro semestre de 2018 e, também, por ser a primeira turma a utilizar a plataforma Moodle Rooms, instalada no início do primeiro semestre do ano de 2018. A escolha pelo curso é devido à demanda, a qual é maior do que para os demais cursos na instituição, também por ser a primeira licenciatura ofertada e pelo caráter formativo deste curso que visa à preparação de profissionais que atuarão possivelmente na base da educação.

As disciplinas do curso de Pedagogia que serão analisadas são Oficina de formação do professor leitor e Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. São duas das três disciplinas ofertadas no trimestre, a terceira disciplina é Autoconhecimento, a qual não será analisada por não possuir as mesmas características das demais disciplinas, já que sua oferta é a todos os alunos dos diversos cursos em andamento. As participações dos alunos nas duas disciplinas que serão analisadas datam de 23 de abril a 12 de junho de 2018, seguindo calendário acadêmico institucional.

A análise considerará a existência de fatores dialógicos e de interação que possam identificar e explicar como se constrói o sentimento de pertencimento do aluno nos textos, em específico em suas postagens nos fóruns. A pesquisa coletará exemplos de tipos de discursos que demonstrem como esse espaço de interação é, diferentemente, arquitetado pelos usuários-alunos dos fóruns. Para isso, as verificações serão quanto à estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo das participações no fórum, visando trabalhar, desta forma, os principais elementos descritos por Bakhtin para o gênero textual.

Selecionamos esse fórum por ser formativo avaliativo e possuir características específicas: alto dialogismo, envolvendo professor, alunos e tutor online; impactar diretamente a vida acadêmica do aluno; viabilizar formação contínua e propor revisão de conteúdo. O fórum é utilizado para promover a troca de informações entre os participantes de determinada disciplina. A proposta para o debate de ideias de

forma colaborativa pode ser avaliativa ou não-avaliativa e, o fórum que se tornou o *corpus* nesta pesquisa é proposto como avaliativo. Como se vê, é um contexto específico que permite depreender, com maior clareza, os fenômenos de interação que podem estar associados ao sentimento de pertencimento.

Com essa análise, pretende-se responder se há efetividade ou não dos discursos promovidos em fóruns do Ambiente Virtual de Aprendizagem que preconizam a interação, resultando no sentimento de pertencimento. Ressaltamos que a problemática levantada é de relevância considerando que o processo de aprendizagem na modalidade EaD caracteriza-se, em grande parte, pelos diálogos entre estudantes e tutores.

Como hipótese ao problema levantado do sentimento de pertencimento na EaD, propomos que o fórum avaliativo de aprendizagem textual no âmbito de Ambientes Virtuais de Aprendizagem é capaz de levantar categorias analíticas eficazes para resultados da ocorrência do sentimento de pertencimento e, assim, embasá-lo como componente pertinente à aprendizagem, considerando, em específico, a EaD. Desse modo, a significância desta pesquisa está na necessidade de se propor, de maneira interdisciplinar, estudos que considerem o crescimento da modalidade EaD, sua relevância social no Brasil, conforme comprova o Censo 2016 e à necessidade de refletir sobre a identidade e o pertencimento durante o processo de ensino/aprendizagem.

Esta dissertação está dividida didaticamente em quatro capítulos. No primeiro capítulo, pretende-se uma exposição do referencial teórico, com uma revisão da literatura que dará base às considerações discursivas que serão abordadas, explorando em específico o conceito de identidade e de sentimento de pertencimento. No segundo capítulo, apresentaremos um recorte da realidade da EaD, evidenciando as principais ferramentas para essa modalidade de ensino. Outro aspecto deste capítulo é demonstrar as mudanças ocorridas nesta forma de ensino ao considerarmos os avanços tecnológicos e, assim, o surgimento dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Já no terceiro capítulo, permanecendo com viés interdisciplinar, trataremos das relações dos estudos de linguagem em Bakhtin e as características do gênero textual fórum no sentimento de pertença.

A análise do *corpus*, o fórum temático avaliativo, se dará no quarto capítulo, no qual visamos a estabelecer as articulações entre o dialogismo e sentimento de

pertencimento. Proporemos, para tais articulações, em um levantamento, as seguintes categorias de análise: dialogismo, em que há interação consciente com o outro; monologismo, no qual não há interação com o outro; variação entre monologismo e dialogismo no mesmo enunciado. Para a segunda parte da análise, explicitaremos todos os enunciados de todos os estudantes, caracterizando também aqueles que não participaram, exploraremos, nesta análise, as seguintes categorias: utilização de 1ª pessoa; utilização de 3ª pessoa; ocorrência de discurso reportado; ocorrência de cumprimento; ocorrência de despedida e a inserção de foto.

É nessa direção que se coloca este estudo que pretende, assim, verificar se as mudanças estruturais e institucionais identificadas em nossa sociedade e nos indivíduos com os avanços tecnológicos estão sendo considerados nas novas concepções de aprendizagem. De maneira interdisciplinar, pretendemos levantar as questões que relacionam sociedade, educação, comunicação e linguagem de forma a abordá-las na perspectiva de análise dos processos de ensino e aprendizagem em EaD, considerando a interatividade como canal condutor para o sentimento de pertencimento dos alunos em ambientes virtuais de aprendizagem.

Esperamos demonstrar que o fórum temático avaliativo, uma das opções para o desenvolvimento da aprendizagem textual no âmbito de Ambientes Virtuais de Aprendizagem é capaz de se desenvolver como uma ferramenta na formação desta comunidade on-line e que a interatividade produzida por meio dele gera o sentimento de pertencimento no estudante e contribuiu para sua identificação com o grupo, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem.

1 IDENTIDADE E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

O tema da identidade é um dos mais complexos, pois ele pode abranger diversos campos do saber: da psicologia até a teoria literária, adentrando aos limiares das ciências sociais. Tratá-lo no seio das ciências humanas em perspectiva interdisciplinar, respeitando as epistemologias de cada disciplina, parece ser um viés pertinente, uma vez que busca, ao invés de respostas restritas à determinada área do conhecimento, o diálogo entre diversas e distintas teorias. É nesse prisma interdisciplinar que construiremos neste capítulo a discussão entre o conceito de identidade e o de sentimento de pertencimento.

1.1 Identidade na pós-modernidade em perspectiva interdisciplinar

Para entendermos melhor o conceito de interdisciplinaridade empregado neste trabalho, resgatamos a discussão de Leis (2005) sobre essa noção, o qual demonstra a importância de perceber a interdisciplinaridade como algo em desenvolvimento, em movimento e transformação. Segundo Leis (2005) não é possível qualquer definição fechada e irreversível que caiba exatamente no que se propõe a interdisciplinaridade, já que depende das "experiências interdisciplinares". Salienta, ainda, que qualquer tentativa de definir exatamente a interdisciplinaridade esbarraria na transformação desta definição em uma disciplina. O autor consegue retratar muito bem esta posição quando destaca as peculiaridades que distinguem o interdisciplinar e o disciplinar:

Os conhecimentos disciplinares são paradigmáticos (no sentido de Kuhn, 1989), mas não assim os interdisciplinares. A história da interdisciplinaridade se confunde, portanto, com a dinâmica viva do conhecimento. O mesmo não pode ser dito da história das disciplinas, as quais congelam de forma paradigmática o conhecimento alcançado em determinado momento histórico, defendendo-se numa guerra de trincheiras de qualquer abordagem alternativo. Num sentido profundo, a interdisciplinaridade é sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. (LEIS, 2005, p. 5).

Concordamos, assim, com Leis (2005, p.5) quando afirma que “a tarefa de procurar definições ‘finais’ para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente

interdisciplinar, senão disciplinar”. Isso se dá, como explicou o estudioso, porque o pensamento interdisciplinar se relaciona à própria dinâmica viva do pensamento. É seguindo essa proposta que desenvolveremos a nossa abordagem investigativa.

Neste primeiro tópico, trataremos, em específico, do conceito de identidade relacionando-o, de forma interdisciplinar, aos estudos da pós-modernidade, baseados em Bauman (1998), Silva (2000a; 2000b), Woodward (2000) e Hall (2000; 2005). No segundo tópico, abordaremos o sentimento de pertencimento na área da Educação, em especial o sistema desenvolvido na modalidade de ensino a distância. No próximo capítulo, observaremos como se desdobra esse sentimento de pertencimento no aluno a partir das potencialidades do universo digital e relacionando os temas propostos com o dialogismo proposto por Bakhtin e seu círculo, o qual se demonstra intrinsecamente e interdisciplinarmente ligado à temática de discussão. Ressalvamos que este capítulo não pretende fazer conclusões ou julgamentos às teorias apresentadas, mas, como propõe o prisma interdisciplinar, construir diálogos entre teorias comunicação e a área da educação – esse campo, por sua vez, nos atentaremos mais profundamente no próximo capítulo, no qual discutiremos a aprendizagem no ensino a distância.

Como o conceito de identidade pode ser explorado a partir de diversas e distintas maneiras, optamos por investigá-lo em sua relação com os atuais desdobramentos da sociedade pós-moderna. O conceito de pós-modernidade também é de capital importância para todas as áreas do conhecimento. Por isso, destacamos que nossa compreensão de pós-modernidade se fundamenta nos aportes teóricos do sociólogo e filósofo polonês Bauman (1998; 2005).

De acordo com Bauman (1998), quando se relaciona os termos *modernidade* e *pós-modernidade* não se quer de forma alguma entender a *essência* de uma época em comparação com a de outra, descrevendo cada uma a partir de sua sequência cronológica de fatos, períodos ou mudanças políticas e historicistas. Longe disso, para o estudioso, o pertinente é situar determinadas características próprias do projeto da modernidade em cotejo com o da pós-modernidade. Em outras palavras, entende-se *projeto* como a organização das *formas de viver*, enfatizando as transformações nas maneiras de conduzir os meios que governamos a nós mesmos e aos outros.

Compreendido isso, Bauman (1998) sustenta que a era moderna consolidou em suas comunidades uma exaltação exagerada pela ordem, a qual era desejável para se construir um mundo estável, fixo, seguro, limpo e sólido. Enfim, a ideia de ordem sustentava e retroalimentava o conceito de pureza. Bauman (1998) evidencia isso ao expor a pureza relacionada à visão de ordem, enquanto as coisas sujas e imundas (como o oposto da pureza e relacionada, assim, à desordem ou às coisas "fora do lugar". O natural, desta maneira, não é a pureza, pois as coisas não ficariam paradas, estagnadas e normatizadas se não fossem compelidas a isso. Esta ordem é explicada por Bauman (1998, p. 14) como "atribuir às coisas seus lugares justos e convenientes". Desta forma, não são características inerentes a algo que o faz sujo, mas o local em que está inserido, considerando a idealização dos que buscam a pureza, assim:

As coisas que são "sujas" num contexto podem tornar-se puras exatamente por serem colocadas num outro lugar - e vice-versa. Sapatos magnificamente lustrados e brilhantes tornam-se sujos quando colocados na mesa de refeições. Restituídos ao monte dos sapatos, eles recuperam a pristina pureza. Uma omelete, uma obra de arte culinária que dá água na boca quando no prato do jantar, torna-se uma mancha nojenta quando derramada sobre o travesseiro (BAUMAN, 1998, p. 14).

Então, a busca cada vez mais pungente pela ordem na sociedade moderna faz desse conceito um princípio de previsibilidade, porque deseja-se com esta posição o que é permanente, seguro e, conseqüentemente, confortável, conforme explica Bauman (1998, p. 15):

"Ordem" significa um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita - de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis.

É o desdobramento dessa noção que faz com que a descrição mais exata e a classificação mais rigorosa sejam pretensões bem quistas no projeto da modernidade. O sujeito, dentro desse projeto, orientado por essas pretensões sente-se mais fortalecido para explicar o mundo natural, pois ele pode descobrir a ordem das coisas e, para então, mudá-las, em alguns casos. Conforme explica Bauman (2005), a identidade era entendida e difundida, nesse paradigma da modernidade, como estática, permanente e fixa. Com isso, os Estados-nação se fortaleceram,

fazendo com que a identidade se associasse à nacionalidade. A noção de identidade se desenvolve, então, apropriando-se de determinados aspectos situacionais como o de pertencimento a certo território, tipo de sociedade ou origem.

Esse pertencimento dá certa segurança aos membros dessa sociedade, porque ele constrói modelos de previsibilidade e, conforme Bauman (1998) salienta, a segurança foi um dos principais vaticínios da modernidade em prol de um mundo melhor. Os desdobramentos dessa segurança foram as divisões sociais, a inflexibilidade e a rigidez disciplinar que consolidavam estruturas sociais (maneiras de se vestir, comunicar-se, comportar-se etc.).

Todavia, essa organização social foi ficando cada vez mais frágil, porque o apoio popular se diluía conforme as estruturas e as classes não sustentavam as mudanças da própria sociedade. Bauman (1998) explica a derrocada do projeto da modernidade quando descreve que mesmo na ordem há desordens que são inerentes a ela, a permanente ordem é um engano, como destaca o exemplo da rotina de limpeza:

Cada ordem tem suas próprias desordens; cada modelo de pureza tem sua própria sujeira que precisa ser varrida. Mas, numa ordem durável e resistente, que se reserve o futuro e envolva ainda, entre outros pré-requisitos, a proibição da mudança, até a ocupação de limpeza e varredura são partes da ordem. Pertencem à rotina diária e, como a rotina de tudo, tendem a repetir-se monotonamente, numa forma completamente transformada em hábito e que toma a reflexão redundante. (BAUMAN, 1998, p. 20).

Bauman (1998, p. 28) não critica o conceito de sujeira, em si, mas o que se faz a partir dele, isto é, a criação de uma “metassujeira”, a qual longe de um contexto ou de uma realidade objetiva pode servir a diferentes interesses. O plano de fundo dessa estratégia, segundo o filósofo polonês, é a criação de uma rotina que tem determinadas ações engatilhadas em que o aperfeiçoamento constante do que se pretendia permanente faz com que a pureza seja alvo constante do impuro, refletindo-se nas mais tradicionais instituições, naquelas em que os modelos de pureza seriam os mais estáticos, como a família, por exemplo.

Desta forma, Bauman (1998, p. 20) destaca o surgimento de um novo momento, pois as questões mais tradicionalmente limpas, ou seja, ordenadas, tendem a “converter-se em sujeira, em pouco tempo ou sem se dar por isso.” Os modelos de ordem ou de pureza, segundo o autor transformam-se muito

rapidamente e, com isso, surge a visão desta época em que a sensação de segurança não é percebida, já que “a incerteza e a desconfiança governam a época.” (BAUMAN, 1998, p. 20).

Não houve, na perspectiva de Bauman (1998), uma mera troca de comportamentos entre os sujeitos. Como o estudioso polonês discute, houve uma transformação no modo de governar a si e aos outros. O estudioso explica que foi característica da modernidade a busca pelo rompimento com o tradicional, mesmo que esse rompimento com a ordem fosse a criação, por meio da sujeira, de nova ordem, foi a busca pela substituição da "velha ordem remanescente, já esfalfada, por uma nova e melhor." (BAUMAN, 1998, p. 26). O autor expõe, ainda:

Uma das mais inquietantes "impurezas" na versão moderna da pureza eram os revolucionários, que o espírito moderno tinha tudo para gerar: os revolucionários eram, afinal, nada mais do que entusiastas da modernidade, os mais fiéis entre os crentes da moderna revelação, ansiosos por extrair da mensagem as lições mais radicais e estender o esforço de colocar em ordem além da fronteira do que o mecanismo de colocar em ordem podia sustentar.

Observando o projeto da pós-modernidade, as transformações não anularam a possibilidade de existência de extremistas. Menos ainda acabaram com as noções de ordem e de pureza, que, ressignificadas no projeto da pós-modernidade, conduzem, direta ou indiretamente, algumas das ações do sujeito na sociedade pós-moderna. Bauman (1998) aponta que a pós-modernidade traz consigo a pressão de que o individual deve se despojar de qualquer ação ou influência do coletivo. Fortalece-se, nesta perspectiva, os individualismos exacerbados e a caracterização do hedonismo em que o que é necessário na visão do indivíduo para satisfazer suas percepções de necessidades deve ser suprido.

Para Bauman (1998) os roubadores, ladrões, furtadores e seus *alter egos* são a mais expressiva impureza da pós-modernidade, não mais constatamos os revolucionários como na modernidade, porém os que não respeitam as leis. Também há outro grupo que identifica a impureza, os que fazem justiça segundo sua vontade individual, segundo seus próprios padrões, estes pretendem estabelecer seus padrões aos demais como estilo de vida correto, já que é o seu modo de viver e pensar que estabelece o curso de vida dos demais. É o individual rompendo com a ordem do coletivo, porém buscando formar um novo coletivo segundo sua visão individual.

O estudioso jamaicano Stuart Hall (2005) problematiza, em seus estudos sobre o conceito de identidade, que a diferença entre o sujeito moderno e o pós-moderno não é simples. Como explica o estudioso, seria muito difícil definir a história do sujeito moderno e basear sua identidade e a transformação dela apenas como sendo anteriormente fixas e que agora se deslocam.

Para compreender como se constitui uma identidade, Hall (2005, p. 8) desenvolve seu estudo “a partir de uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Seu propósito é o de explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualificá-la e discutir quais podem ser suas prováveis consequências”. O pensamento de Hall (2005) se emparelha ao de Bauman (1998).

Ambos os autores concordam que entre a modernidade e a pós-modernidade houve transformações nos modos de ser e habitar do sujeito em sua relação consigo e com o(s) outro(s). Além disso, Hall (2005) também considera, assim como enfatizou Bauman (1998) anteriormente, que aconteceram constantes fraturas no paradigma da modernidade que promovia, entre seus sujeitos, uma ordem estática, permanente e fixa. Pode-se apreender esse posicionamento de Hall (2005) na seguinte passagem:

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturas dessa forma por identificações rivais e deslocadas – advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos [...]. (HALL, 2005, p. 21).

Ao comparar esses dois pensamentos – e respeitando que entre eles existem diferenças epistemológicas em diversos pontos de suas respectivas propostas teóricas –, podemos compreender que as transformações ocorridas no último século não estão ligadas somente às (r)evoluções tecnológicas, mas também estão associadas à sociedade e à cultura de forma geral. Concordamos, assim, com Hall (2005) quando este pesquisador explica que uma das características do sujeito na atual pós-modernidade é que sua identidade é definida pela história e não mais pela biologia e que essa história não é entendida como “fixa, essencial ou permanente”, diferentemente disso é ressignificada como formada e transformada permanentemente pelos “sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2005, p. 12).

Para depreender o sujeito pós-moderno com essas características, Hall (2005) endossa, como já dito, que as identidades surgem com a fragmentação do indivíduo moderno que acontece, conforme Bauman (1998), a partir de uma série de mudanças na modos de ser e conviver dos sujeitos. Tomando isso como base teórica, Hall (2005) distingue três diferentes concepções de identidade. O primeiro chamado de Sujeito do Iluminismo, com capacidade de raciocínio, concepção do ser humano individualista e sem alterações durante toda sua existência, identidade como núcleo interior, emerge e permanece a mesma, assim, “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (HALL, 2005, p.11).

Outra concepção, o sujeito sociológico é definido com uma identidade formada pela interação social, continua com seu núcleo interior, mas o eu autonomista não era compatível com o mundo moderno. Sua existência passa a ser alterada por outras identidades e culturas por meio da interação social. Segundo Hall: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2005, p.11).

Finalmente, Hall apresenta o sujeito pós-moderno, o qual emerge da crise da identidade, sendo formada continuamente, pois não possui estabilidade. O sujeito tem uma identidade fragmentada, temporária e problemática. Nas palavras do autor, “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, [...]. Dentre de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2005, p.13).

Hall propõe essas três concepções porque compreende que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13). Por outro lado, o estudioso também pondera que “deve-se ter em mente que as três concepções de sujeito acima são, em alguma medida, simplificações. [...]. Não obstante, elas [as três concepções] se prestam como pontos de apoio para desenvolver o argumento central [...].” (HALL, 2005, p. 13), isto é, que as identidades atualmente são “deslocadas ou fragmentadas.” (HALL, 2005, p. 8).

Essa reflexão faz com que o estudioso sancione que: “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmo ou uma confortadora “narrativa

do eu [...].” (HALL, 2005, p. 12-13). Essa lógica implicativa de Hall (2005) sobre a possibilidade de uma cômoda e confortante *narrativa do eu* surge, a nosso ver, a partir do mal-estar dos impactos da globalização e do próprio projeto da pós-modernidade ressaltados no início por Bauman (1998). Vivenciamos uma sociedade de transformação permanente, em que as maiores transformações ocorrem em todos os níveis, até mesmo nos identitários, como estamos salientando.

Segundo Hall (2005), dependendo da forma como o sujeito é interpelado, sua identidade sofre mudanças. Dessa forma, a interpelação do outro e o processo de identificação não estão desassociados. Mais do que interpelar, o outro convoca o sujeito. Na obra *Identidade e diferença* (SILVA, 2000a), Hall (2000) desenvolve esse pensamento. No trecho a seguir, o autor define o que é identidade e, nessa definição, podemos observar a capital importância da *interpelação* no processo de identificação:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós [...]. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo do discurso [...]. (HALL, 2000, p. 111-112)

A interpelação é o ato de diálogo entre o sujeito e os discursos e as práticas sociais. Ainda no livro *Identidade e diferença* do autor Silva, (2000a), encontramos, junto ao texto de Hall (2000), os artigos de Woodward (2000) e de Silva (2000b). Esses três artigos, embora tratem do tema da identidade de forma diferente, tem diversos pontos em comum: os três concordam que a identidade e a diferença não podem ser separados, quer seja a explicação desse fenômeno pelo social, como sustenta Woodward (2000), quer pela linguagem, como propõe Silva (200b), ou pela psicanálise, como fundamenta Hall (2000).

Woodward (2000, p. 33) questiona se é “possível sermos socialmente excluídos [...] e não sermos simbolicamente marcados como diferentes?”. Nesse viés, a diferença implica identidade e vice-versa. Woodward (2000) aborda tal questão, propondo que a subjetividade se relaciona socialmente com a linguagem e a cultura:

[...] nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios (WOORDWARD, 2000, p. 55).

Essa reflexão se desenvolve e Woodward (2000) chega a uma definição de identidade que é bem semelhante, mas não é a mesma proposta por Hall (2000), como podemos observar a seguir:

Por um lado, a identidade é vista como tendo algum núcleo essencial que distinguiria um grupo de outro [história/biologia]. Por outro, a identidade é vista como um contingente; isto é, como um o produto de uma interseção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. (WOODWARD, 2000, p. 38).

Ao relacionar a definição de Hall (2000) e a de Woodward (2000), notamos que elas, embora distintas, concordam que a identidade não é um elemento isolado, absoluto. Diferentemente disso, a identidade convoca, intersecciona e se associa a diversos aspectos sociais, históricos e culturais. Silva (2000b) completa esse raciocínio ao propor sua compreensão de que a identidade e a diferença são também atos da criação da linguagem e, por conseguinte, são (re)criadas cultural e socialmente a cada ato de linguagem, sofrendo as coerções da língua(gem) e das relações de poder. Nas palavras do estudioso,

Elas [identidade e diferença] não só são definidas como também impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder: o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes." (SILVA, 2000b, p.81).

A partir dessa dimensão linguística e discursiva da identidade, Silva (2000b, p.91) destaca que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. É por isso, segundo a proposta de Silva (2000b, p. 91), que a representação tem “um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade”. Seguindo essa lógica, “questionar a identidade e a diferença significa,

nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação.” (SILVA, 2000b, p. 91).

Um ponto bastante saliente do texto de Silva (2000b) é que o autor relaciona o estudo da identidade com a área da Educação. De acordo com o estudioso, é necessário promover a pesquisa sobre a identidade e a diferença para que a juventude seja mais crítica diante das formas dominantes de representação. Conforme sustenta o pesquisador, “a pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença.” (SILVA, 2000b, p. 92). Eis o que contribuiu para reiterar a exploração desse tema no âmbito da educação, em especial na modalidade a distância, conforme dissertaremos no capítulo 2.

Essas três noções Woodward, (2000) e Silva, (2000b) dialogam, em grande parte, com a reflexão de Hall (2005), porque, como vimos, o estudioso jamaicano observa que a identidade não é biologicamente construída, mas historicamente. Também observamos grande consenso com as ideias propostas por Bauman (1998), uma vez que o sociólogo polonês compreende a identidade como um processo de construção (modernidade) e de desconstrução (pós-modernidade). Nos estudos discutidos nestes tópicos, a identidade não é pensada a partir de uma essência, mas, diferentemente disso, a partir das transformações sociais.

Essas transformações sociais, históricas e de qualquer outro aspecto, não se confundem com a identidade, embora a atravessem e se relacionem com ela e a situem espaço-temporalmente. Por isso, podemos dizer que essas transformações são o domínio do outro que sustentam o conceito de diferença. A identidade, por sua vez, é o contrapeso dessas transformações, isto é, o sujeito que as planejam, executam e sofrem as suas consequências. Não há identidade sem diferença e vice-versa, como não há transformações sem um agente que as mobilizem. Em última instância, na história social da humanidade, não há abiogênese.

Para dar continuidade à problematização da noção de identidade, no próximo tópico, discutiremos o sentimento de pertencimento. Essa reflexão torna-se pertinente, uma vez que ela lança questionamentos sobre a relação do alunado com sua própria situação, bem como sua comunidade de origem. Por isso, debater sobre

o pertencimento no campo da educação, também é (re)pensar os desdobramentos de identidades.

1.2 O sentimento de pertencer na pós-modernidade

O termo *pertencer*, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (2013), tem entrada no vernáculo corrente no século XIII. A etimologia indica que veio da palavra latina *pertinescere* que significava “ser propriedade de”. Por isso, quando se criou, por derivação, a palavra *pertencimento*, esse termo, então, passa a designar *propriedade de fazer parte de; ser parte do domínio de; pertencer a comunidade de*. Como se vê, o pertencimento associa-se, via de regra, ao campo semântico de comunidade.

O campo semântico de comunidade também é bastante amplo e plurissignificativo. Diversas perspectivas retomam esse conceito. Dentre elas, o viés de Bauman (2003) traz uma reflexão otimista sobre o significado e a sensação do conceito de comunidade em que esta assume um papel que relacionamos a algo bom, assim, segundo Bauman (2003) é significativo pertencer, estar, ter uma comunidade e a defesa deste significado está em que não é feita relação à comunidade quando reprova-se a atitude de um indivíduo, mas à sociedade ou companhia má, mantendo a imagem ilibada da comunidade: “[...] As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.” (BAUMAN, 2003, p. 7).

Compreendemos, assim, que quando se pensa ou se fala em comunidade, surge, comumente, a ideia de aceitação, aconchego, resolução de problemas em conjunto, união, auxílio mútuo, dentre outras possibilidades, em geral, positivas. Por conseguinte, a comunidade fornece e estimula o indivíduo um sentimento de pertencimento. É uma via de mão dupla, de um lado, o sentimento de pertencimento existe porque há comunidade; e de outro, a comunidade fortalece o sentimento de pertencimento.

Destaca-se que o sentimento de pertencimento precisa estar aliançado em um projeto de adesão e de continuidade de contratos sociais. É um projeto interpessoal que exige deveres e direitos por parte de um coletivo, grupo ou associação. Na troca de conhecimentos, ações e/ou produtos, são construídos e

refeitos relacionamentos. É nesse sentido que pertencimento e comunidade são termos que se intercambiam no convívio de um determinado agrupamento (BAUMAN, 1999).

Nesse intercâmbio, a ideia de inclusão é relevante, porque para ser de uma determinada comunidade é preciso, primeiro, ser incluído nela, isto é, pertencer a ela. Logo, o conceito de inclusão é pressuposto tanto a existência de uma comunidade quanto é importante para a efetivação do sentimento de pertencimento. A possibilidade de troca, como vimos, também é muito relevante, porque, em uma comunidade, também estão pressupostos acordos, transações e trocas – sejam as concretas (do tipo trigo por aveia, ou dinheiro por um automóvel), sejam as simbólicas (por exemplo, esforço por prestígio, dentre outras possibilidades). Na globalização, o conceito de inclusão e as trocas se intensificaram e se massificaram de diversos e distintos modos, quanto mais globalizado, mais incluído nos grupos e nas comunidades é um país ou organização; do mesmo modo, quanto mais globalizado, mais transações, trocas e acordos socioeconômicos realiza.

Este aspecto da globalização faz com que o pertencimento seja sempre pensado na esfera da inclusão e exclusão. A valoração de cenários mundiais como o que está na moda, o que estão comendo, como estão se posicionando a respeito de algo é valorizado a ponto de se buscar fazer parte deste universo, porém o que é local ou regional torna-se sem valor e o indivíduo permanece na busca por pertencer, mas a quê propriamente não se sabe. É nesse ponto que Bauman (2003) faz uma crítica ao desvanecimento dos Estados na pós-modernidade:

Mais do que qualquer outra coisa, “globalização” significa que a rede de dependências adquire com rapidez um âmbito mundial — processo que não é acompanhado na mesma extensão pelas instituições passíveis de controle político e pelo surgimento de qualquer coisa que se assemelhe a uma cultura verdadeiramente global. Bem entrelaçado com o desenvolvimento desigual da economia, da política e da cultura (outrora coordenadas no quadro do Estado-nação) está a separação do poder em relação à política; o poder, enquanto incorporado na circulação mundial do capital e da informação, torna-se extraterritorial, enquanto as instituições políticas existentes permanecem, como antes, locais. Isso leva inevitavelmente ao enfraquecimento do Estado-nação; não mais capazes de reunir recursos suficientes para manter as contas em dia com eficiência e de realizar uma política social independente, os governos dos Estados não têm escolha senão seguirem estratégias de desregulamentação: isto é, abrir mão do controle dos processos econômicos e culturais, e entregá-lo às “forças do mercado”, isto é, às forças essencialmente extraterritoriais (BAUMAN, 2003, p. 89).

Nesse desvanecimento, transformações importantes ocorrem, como explica Bauman (2003), sendo uma delas o abandono da regulação normativa que marcava explicitamente os Estados na modernidade:

O abandono daquela regulação normativa, outrora marca do Estado moderno, torna redundantes a mobilização cultural/ideológica da população, outrora estratégia principal do Estado moderno, e a evocação da nacionalidade e do dever patriótico, outrora sua principal legitimação: não servem mais a qualquer propósito perceptível. O Estado não mais preside os processos de integração social ou manejo sistêmico que faziam indispensáveis a regulação normativa, a administração da cultura e a mobilização patriótica, deixando tais tarefas (por ação ou omissão) para forças sobre as quais não tem jurisdição. O policiamento do território administrado é a única função deixada nas mãos dos governos dos Estados; outras funções ortodoxas foram abandonadas ou passaram a ser compartilhadas e assim são apenas em parte monitoradas pelo Estado e por seus órgãos, e não de maneira autônoma (BAUMAN, 2003, p. 90).

Para contextualizar como se encontra atualmente a sociedade após o fenômeno da globalização, Bauman (2003) cita a reflexão do historiador e sociólogo gaulês Jeffrey Weeks que diz o seguinte:

O mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos que percebem as premissas de sua existência coletiva ameaçadas e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder. Incapazes de controlar as relações sociais em que se acham envolvidas, as pessoas encolhem o mundo para adaptá-lo ao tamanho de suas comunidades e agem politicamente a partir dessa base. O resultado é com frequência um particularismo obsessivo como modo de enfrentar e/ou lidar com a contingência (WEEKS apud BAUMAN, 2003, p. 89-90).

Como se pode observar, houve uma mudança nos usos e nas sensações do conceito de comunidade e, conseqüentemente, ao de pertencimento. Se antes, o pertencimento e a comunidade estavam atrelados ao poder de um Estado-nação forte, zeloso e bastante abrangente, contemporaneamente, conforme Bauman (2003) aponta, notamos um Estado cada vez menor, frente a um fenômeno de globalização cada vez maior que particulariza, especifica e personaliza as comunidades, problematizando, portanto, o sentimento de pertencimento dos grupos e de seus respectivos membros.

O pertencimento compreende relações entre indivíduos e para essa ocorrência, necessariamente, eles precisam estar envolvidos em um mesmo contexto. Os vínculos estabelecidos a partir das tecnologias são muitos e, desta forma, este sentimento de pertencer parece fluido seguindo a mesma característica

da identidade. Os contextos ou as situações que possibilitam aos indivíduos desenvolverem a pertença estão ligados ao poder ou à disputa. Neste aspecto as interações pós-modernas geram também muitos pertencimentos, variando conforme os contextos. Então, o que está sendo disputado naquele contexto é de fundamental importância para que o indivíduo faça parte.

Bauman (1999) explana que o termo *globalização* acabou por substituir o conceito de *universalização* e que isso, a seu ver, causou sérios prejuízos à humanidade. A universalização, segundo Bauman (1999), tinha como perspectiva tornar o mundo melhor e expandir as mudanças em escala global, tornando as condições de vida mais semelhantes, isto é, nas palavras do estudioso, “talvez mesmo torná-las [condições] iguais.” (BAUMAN, 1999, p. 67). A globalização, por sua vez, não diz respeito ao que todos querem, mas, segundo Bauman (1999), corresponde ao que está acontecendo a cada um de nós. São duas perspectivas de mundo bem diferentes.

Desse modo, conforme observa Bauman (1999), a globalização traz uma lógica que garante a livre movimentação do capital e o isenta do controle político, tornando o estado fraco. Isso ocorre, porque, como explica o estudioso, o Estado “não deve nem tocar em coisa alguma relativa à vida econômica: qualquer tentativa neste sentido enfrentaria imediata e furiosa punição dos mercados mundiais.” (BAUMAN, 1999, p. 74). Essa lógica considera, portanto, que “a fragmentação política não é uma trava na roda da sociedade mundial.” (BAUMAN, 1999, p. 75); é assim, em última instância, resultado esperado da própria globalização.

Essa conjuntura ressignifica o que consideramos por comunidade. Conforme aponta o historiador marxista britânico Hobsbawm (1994, p. 428, tradução nossa), “a palavra 'comunidade' nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real”. Isso confirma o pensamento de Bauman (2003) que inclusive se refere aos estudos de Hobsbawm.

A globalização movimenta as estruturas sociais e, conseqüentemente, os comportamentos dos indivíduos são influenciados por esse movimento. Neste aspecto, os discursos produzem o pertencimento e promovem a interação que considera os indivíduos, seus pensamentos e suas relações com o outro em contextos específicos. De acordo com Hobsbawm (1994, p. 40, tradução livre),

"homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo". Diante desse contexto, Bauman (2005) discute que não temos o mesmo sentido para pertencimento e identidade, como tínhamos outrora:

Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade". (BAUMAN, 2005, p. 17).

A metáfora da rocha no pensamento de Bauman (2005) é bastante significativa, porque retrata uma confiança sólida, fixa e aparentemente imutável em uma identidade e em seu sentimento de pertencimento a determinada comunidade. Essa noção perdurou por séculos. Em nossa contemporaneidade, as crenças fixas e os dogmas estão em declínio – ou menos, em crise. Conforme explica Bauman (2005, p. 26), essa situação contemporânea causou uma crise do pertencimento:

[...] a ideia da "identidade" e particularmente da "identidade nacional", não foi 'naturalmente' gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um "fato da vida" autoevidente. Ao contrário, essa ideia chegou na vida de homens e mulheres como ficção, fruto da crise do "pertencimento".

Essa crise do pertencimento se instaurou na crença de identidade nacional, mas, pelo próprio fenômeno da globalização, ela se estendeu para diversos outros níveis de crença, interpessoal ou, até mesmo, pessoal. Por isso, neste estudo, observa-se o sentimento de pertencimento do alunado na modalidade de ensino a distância, porque, como estamos delineando, esse sentimento se espalhou para os níveis mais íntimos da identidade de um indivíduo ou agrupamento. Isso se deve, porque, quando a fronteira da identidade nacional foi rompida, deu-se margem para que outras identidades fossem também transformadas. Como explica Bauman (2005, p. 28), a identidade nacional não é igual as outras identidades:

A identidade nacional, permita-me acrescentar, nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. Cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças, a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre 'nós' e 'eles'.

Quando a identidade nacional se esfarela perante ao fenômeno da globalização, temos outras identidades, com diversas características, interagindo de forma dinâmica e com perspectivas associadas ao próprio fenômeno da globalização. O sentimento de pertencimento, assim, não é mais determinado como algo nacional, ligado à cultura nacional ou de um Estado. Não há mais a essência de pertencer a algo de forma fixa e determinista, porque se pertence à várias possibilidades em instâncias distintas de tempo, espaço e grupo socioeconômico (BAUMAN, 2003). Cai a *realidade das fronteiras*, como explica Bauman (1999, p. 16):

Parece ser essa a razão — assinalemos — pela qual a “realidade das fronteiras” foi como regra, no geral, um fenômeno estratificado de classe: no passado como hoje, as elites dos ricos e poderosos eram sempre de inclinação mais cosmopolita que o resto da população das terras que habitavam; em todas as épocas elas tenderam a criar uma cultura própria que desprezava as mesmas fronteiras que confinavam as classes inferiores; tinham mais em comum com as elites além fronteiras do que com o resto da população do seu território. Parece ter sido essa também a razão pela qual Bill Clinton [Presidente dos EUA de 1993 a 2001], o porta-voz da mais poderosa elite do mundo atual, pôde declarar recentemente que pela primeira vez não há diferença entre a política doméstica e a política externa. Com efeito, pouca coisa na experiência atual de vida da elite implica uma diferença entre “aqui” e “acolá”, “dentro” e “fora”, “perto” e “longe”. Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica. A oposição entre “dentro” e “fora”, “aqui” e “lá”, “perto” e “longe” registrou o grau de domesticação e familiaridade de vários fragmentos (tanto humanos como não humanos) do mundo circundante.

Como se pode notar, o sentimento de pertencimento não está mais associado a identidade nacional e tampouco está ligado à ideia do próximo. Como vemos, antes o conceito de identidade estava associado a relação de contiguidade: quanto mais próximo aos valores de determinado grupo, mais pertencentes a ele; ou ainda, quanto mais próximo espacialmente, mais pertencente a certa comunidade. Segundo Bauman (1999), o sentimento de pertencimento é mais complexo, bem como o de identidade, porque esses conceitos dependem de diversos fatores que não estão somente ligados ao espaço e aos valores identitários, mas a toda uma gama de crenças e valores que se dilataram com o fenômeno da globalização que rompeu com as fronteiras espaciais. Bauman (1999) faz a seguinte reflexão sobre os conceitos de próximo e de longe a partir do fenômeno da globalização:

Próximo, acessível é, primariamente, o que é usual, familiar e conhecido até a obviedade, algo ou alguém que se vê, que se encontra, com que se lida ou interage diariamente, entrelaçado à rotina e atividades cotidianas. “Próximo” é um espaço dentro do qual a pessoa pode-se sentir *chez soi*, à vontade, um espaço no qual raramente, se é que alguma vez, a gente se sente perdido, sem saber o que dizer ou fazer. “Longe”, por outro lado, é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar. Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para “longe” significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo. (BAUMAN, 1999, p. 16).

Essas alterações no modo de perceber o que é próximo e o que é longínquo fizeram com que Bauman (2001) cunhasse um termo para esse outro tipo de modernidade que não poderia ser apenas a pós-modernidade. Então, o estudioso engendrou o conceito de *modernidade líquida* que, como estamos evidenciando, parte desse esfarelamento do conceito de identidade nacional, de Estado-nação, devido às múltiplas formas de interconexões sociais no globo.

Modernidade Líquida é cada vez mais vista como uma tentativa permanente, não-conclusiva, "de formar uma ilha de adaptabilidade superior"; num mundo percebido como "múltiplo, complexo e rápido e, portanto, como "ambíguo", "vago" ou "plástico" - milita contra estruturas duráveis, e notadamente contra estruturas que envolvem uma expectativa proporcional à duração costumeira da vida útil. (BAUMAN, 2001, p. 132).

Com isso, muda-se o tipo de felicidade que é perseguido pelo indivíduo na sociedade líquido-moderna, conforme reflete Bauman (2008, p. 49):

O espírito moderno nasceu sob o signo da busca da felicidade – de mais e mais felicidade. Na sociedade líquido-moderna dos consumidores, cada membro individual é instruído, treinado e preparado para buscar a felicidade individual por meios e esforços individuais.

Desde o Iluminismo, a identidade do sujeito está, como vimos a partir dos estudos de Hall (2000; 2005), em discussão. Neste tópico, observamos que o sentimento de pertencimento se modificou notoriamente entre a modernidade e a pós-modernidade. Os estudos de Bauman (1998; 1999; 2001; 2005; 2008) apontaram que o pertencimento está muito mais atrelado a uma identidade fincada no individual do que numa identidade nacional. Para tanto, o estudioso cunhou os conceitos de modernidade líquida e sociedade líquido-moderna, os quais traduzem,

a partir da metáfora do estado líquido da matéria, as transformações sociais ocorridas.

Resgatamos esses estudos que nos auxiliaram em nossa pesquisa sobre os fóruns avaliativos de um semestre do curso de Pedagogia EaD que analisaremos nesta dissertação. O sentimento de pertencimento é relevante neste estudo, porque nos remete aos estados passional e identitário do indivíduo. No escopo teórico e analítico deste estudo, esse aspecto é relevante, pois trataremos de alunos-usuários de uma plataforma digital que participam de fóruns de seus respectivos cursos on-line.

Compreendida a problemática do sentimento de pertencimento nos estudos sobre as transformações do contemporâneo, dissertaremos, no próximo tópico, sobre os desdobramentos tecnológicos. Para isso, discutiremos alguns dados contextuais dos jovens conectados e suas atuações no seio da educação. Além disso, abordaremos estudos que investiguem a interface máquina/homem na interação instaurada no processo de ensino e aprendizagem.

2 A TECNOLOGIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A tecnologia instaura mudanças significativas nas mais diversas práticas da humanidade. Os caixas eletrônicos, a nanotecnologia, os chips são exemplos destas mudanças e, como se observa, as novas formas de ensino e aprendizagem também são consequência dessas mudanças. As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, por exemplo, tiveram e continuam tendo papel fundamental nestas transformações sociais. Neste capítulo, abordaremos os contextos que envolvem a tecnologia e as mudanças na educação a partir de seus desdobramentos, apresentando recortes históricos e sociais da educação a distância.

2.1 Desdobramentos tecnológicos

Com os desdobramentos tecnológicos, houve diversas mudanças socioculturais que são discutidas por diversos autores. Dentre eles, selecionamos as propostas de Jenkins (2009) e Orozco Gomez (2006). Escolhemos esses dois autores que, embora tenham abordagens epistemológicas distintas, apresentam teorias consistentes para explicar os fenômenos de interação, popularização e mudanças intensas nos meios de comunicação que, como estamos salientando, influenciam a área da educação.

De acordo com Jenkins (2009), os desdobramentos tecnológicos fizeram com que se criasse uma cultura da convergência, na qual todos interagem, direta ou indiretamente, a partir da convergência dos aparatos tecnológicos. Nas palavras do autor,

Cultura da Convergência é para pessoas que vivem em qualquer país onde haja indivíduos e organizações que assistam, leiam ou utilizem tevês, livros, computadores, celulares, revistas ou qualquer outra interface para se comunicar, se divertir, educar, vender produtos e ideias. Você acha que se encaixa nesse perfil? Acho que sim. (JENKINS, 2009, p. 17)

A convergência, segundo Jenkins (2009) trata de velhas e novas mídias que se esbarram, se complementam, a mídia corporativa e alternativa se cruzam e, com isso, o poder do consumidor e do produtor de mídia interagem de maneiras que não esperamos e não podemos afirmar. O que o autor demonstra é que as velhas mídias convergem e não morrem, mas interagem umas com as outras. Jenkins (2009) traz

como exemplo, a utilização dos celulares para demonstrar esses desdobramentos tecnológicos. O uso dos celulares iguala amadores e profissionais quando ambos, após lançarem filmes comerciais concorrerem a prêmios em festivais; ou quando facilita os acessos a shows, jogos, vídeos. Jenkins salienta que muitas destas inovações vão permanecer outras desvanecerão, porém todas são realidades.

Como se nota, nessa perspectiva a tecnologia é considerada como um fator que influencia na mudança ou na transformação de uma sociedade a partir do surgimento de uma nova cultura, no caso a cultura da convergência. Outro viés teórico é o do pensador mexicano Guillermo Orozco Gomez. De acordo com esse estudioso, os aparelhos tecnológicos promovem diversas mediações em que o usuário estabelece diferentes relações. Orozco Gómez (2006) observa que é, por meio das relações dos sujeitos com os diversos meios de comunicação, que surgem diferentes tipos de sensações que, por sua vez, modificam as percepções dos indivíduos. Em uma entrevista de 2005, o estudioso faz a seguinte reflexão:

como resultado desse crescimento de diferentes meios e tecnologias, se está modificando a capacidade de percepção, principalmente das gerações mais jovens. Também se está modificando nossa capacidade de construir conhecimento através de diferentes linguagens, não somente a linguagem oral e escrita, mas também a linguagem visual e digital, e as crianças são um exemplo disso. (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 23)

Esse estudioso mexicano sustenta que o modo de construir um conhecimento se alterou a partir do advento das novas tecnologias. Mais do que isso, Orozco Gómez (2005) reivindica que essas mudanças dos meios de comunicação e sua influência nos comportamentos dos indivíduos seja considerada pela área da educação:

[...] há uma relação múltipla muito importante entre meios de comunicação, tecnologias de informação e educação, em distintos níveis. Essa relação não é entendida pelos ministérios da educação e tampouco pelos educadores e pais de alunos. (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 17).

Neste estudo, também compreendemos que existem diversas e múltiplas relações entre os meios de comunicação, as tecnologias e a educação que não podem ser ignoradas. Concordamos, assim, com o posicionamento de Orozco Gómez (2005) de que a relação, principalmente entre as tecnologias de informação e a educação, não tem sido entendida e, por isso, muitas vezes, as mudanças ocorrem em parcelas da sociedade.

Também consideramos, em conformidade com Jenkins (2009), que os aparatos tecnológicos criaram e estão, atualmente, desenvolvendo um tipo de cultura nas diversas sociedades que estão inseridos. Por isso, nesta dissertação, conhecer uma ferramenta que propõe a utilização de tecnologia para promover a aprendizagem é essencial para o desdobramento de nossa análise.

Como se pode notar, os fóruns têm um papel importante na reconfiguração das fronteiras da sociabilidade. Para entender o que são essas fronteiras, resgatamos os estudos de Turkle (1997). Essa professora de Sociologia da Ciência no Massachusetts Institute of Technology (MIT) publicou, em 1995, *Life on the screen*¹, que traz uma crítica bastante interessante sobre a identidade da juventude no contexto das novas tecnologias. Neste livro, a estudiosa aborda o tema identidade a partir da emergência da cultura da simulação, da interface digital e da cibercultura.

Segundo Turkle (1997), essa cultura do universo digital trouxe valores representativos da pós-modernidade, modificando, assim, a experiência do sujeito com o mundo – seja este natural ou virtualizado. Para tanto, a pesquisadora aponta, por exemplo, o processo de ressignificação que o aparelho computador sofreu, sendo compreendido, em não raros casos, como uma entidade merecedora de afeto como na expressão *computador amigo* (em inglês, *computer friend*).

A autora menciona dois casos, como exemplo, antes o computador era visto e vendido como uma ferramenta de trabalho em que o controle e a programação eram enaltecidos pelo vendedor e pelo computador como principal argumento para compra – como se apreendida nas propagandas da empresa IBM, no final de 1990; depois o computador passou a ser associado a imagem do amigo, o qual oferece facilidades para as rotinas do dia-a-dia, sendo intuitivo seu uso e não precisando de um conhecimento muito técnico para seu manuseio – como se evidenciou nas campanhas da Macintosh e da Apple.

Com o surgimento do Windows, a experiência subjetiva de fragmentação e multiplicidade de telas se instaurou no *modus operandi* do usuário das mídias digitais. Com avanço da tecnologia e da popularização da internet, podemos dizer que essa experiência ressaltada por Turkle (1997) só se intensificou. A descentralização e ubiquidade característica da pós-modernidade é fortalecida,

¹ Neste estudo, utilizamos a versão portuguesa (TURKLE, 1997).

conforme sustenta Santaella (2010), pois, como esta explica, a possibilidade de operação em várias telas ao mesmo tempo e ainda estar presente em um determinado local possibilita a humanidade experimentar habitar o aqui e o agora em dois espaços simultaneamente: o aqui digital e o aqui do mundo natural². Santaella (2013) define, por exemplo, os dispositivos móveis a partir dessa concepção de ubiquidade:

Dispositivos móveis são definidos como qualquer equipamento ou periférico que pode ser transportado com informação que fique acessível em qualquer lugar. São eles, palms, lap-tops, i-pads e, certamente, os celulares multifuncionais, tais como smartphones e iphones. Por meio desses dispositivos, que cabem na palma de nossas mãos, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. Os artefatos móveis evoluíram nessa direção, tornando absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento. (SANTAELLA, 2013, p.2).

Desse modo, embora o pensamento e o contexto de Turkle (1997) sejam diferentes dos de Santaella (2010) epistemologicamente, elas investigam o mesmo fenômeno da Era digital, a ubiquidade: seja pelas várias telas que o usuário pode abrir ao mesmo tempo, como sugere Turkle (1997), seja pela presença ampliada do usuário em dois espaços simultaneamente, como sustenta Santaella (2010).

Turkle (1997, p.18) chega a dizer que "a vida real é só mais uma janela e normalmente não é a que mais me agrada". Notamos, com isso, que a experiência do eu se modificou, pois ela se tornou, cada vez mais, uma construção dinâmica e, desse modo, o conceito de identidade também se alterou. Contemporaneamente, graças às redes sociais digitais, o usuário não é mais identificado a partir de uma característica pessoal, mas sim a partir da sua interação com determinados grupos e conteúdos.

Em termos gerais, percebemos que os desdobramentos tecnológicos são produtores de mudanças significativas nos contextos sociais do indivíduo. Este indivíduo social é retratado na educação a distância no papel de aluno, professor e tutor e vive mudanças também na forma como desenvolvem estes papéis. Os cursos de educação a distância são, de certa forma, os propagadores desta utilização de tecnologia para a aprendizagem.

² De acordo com a estudiosa, "o que caracteriza o leitor ubíquo é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado" (SANTAELLA, 2013, p. 1).

A inteligência coletiva, abordada por Jenkins (2009) reflete que o conhecimento se torna maior e mais aprimorado quando envolve pessoas na troca de informações. Esta definição relaciona-se adequadamente com as propostas de fóruns temáticos na EaD. Nesta perspectiva, os alunos assumem papéis de convergência: “A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.” (JENKINS, 2009, p. 31). Os alunos participam ativamente dos diálogos nos processos de aprendizagem, sustentando o que preconiza a EaD, uma modalidade que requer a autonomia do aluno.

Ao considerar estas mudanças e características, podemos afirmar que é nesse ponto que a investigação de fóruns na área da Educação na modalidade de ensino a distância pode auxiliar a esclarecer os comportamentos dos novos usuários das tecnologias. Como vimos, as mudanças tecnológicas modificaram não somente as coisas, mas as pessoas, os indivíduos agem e pensam diferente. Assim, no próximo tópico tratamos um recorte social e histórico da Educação a Distância, a qual é um movimento de reestruturação da educação frente às tecnologias, considerando essas transformações ocorridas.

2.2 Contextos sociais e históricos da EaD

A cidadania em uma sociedade democrática se caracteriza pela competência de seus cidadãos na sua expressão diante desta sociedade. O direito e o acesso à educação são fundamento, base e alicerce da garantia desta competência. Uma renovação educativa se demonstra primordial para a ocorrência de um processo de transformação como ocorreu com diversas universidades europeias e estadunidenses desde o final da década de 1960, que por meio de revisão dos conteúdos curriculares, bem como de metodologias e técnicas didáticas, a educação, a ciência e a tecnologia são abordadas como atividades sociais (CEREZO, 2003).

Nos cursos superiores, esta renovação direciona-se à proporcionar aos estudantes das áreas de humanas conhecimentos básicos, porém relevantes e contextualizados de tecnologia e ciência e, para os estudantes das áreas tecnológicas e naturais a possibilidade, de maneira básica, mas relevante e

contextualizada de formação humana, associando-se, como aponta Trivelato (1999) à tendência das correntes que apresentam alfabetização científica, ciência para todos, ciência pluralista e multicultural dentre outras.

A educação, juntamente com a saúde e segurança, é um dos problemas que mais preocupam a sociedade. Sem dúvidas, parece haver consenso de que a educação poderia, pela abrangência do tema, ser precursora de mudanças nas demais esferas de nossa sociedade, incluindo a segurança e a saúde. A educação pode fazer transpassar barreiras sociais, éticas e morais fazendo avançar o país com verdadeira igualdade para todos, tomando a história da Coréia do Sul como exemplo (YOON, 1999).

A Educação, como uma ciência, precisa ser teorizada e, por envolver vidas e possibilidades de transformações é preciso que seja pensada e discutida de maneira permanente e científica. Como há mais de dois mil anos, com a *Paideia* na Grécia Antiga pensava-se em um homem completo em seu desenvolvimento, até mesmo, interdisciplinar como esta dissertação, assim é necessário o repensar da educação considerando as mudanças tecnológicas, sociais e culturais.

O educador brasileiro Paulo Freire já declarava que a percebia como uma demonstração da criatividade humana. A tecnologia, em especial, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) tiveram e continuam tendo papel fundamental nestas transformações sociais, conforme salienta Drucker, (1999, p. 208): “As atividades que ocupam o lugar central das organizações não são mais aquelas que visam produzir ou distribuir objetos, mas aquelas que produzem e distribuem informação e conhecimento. ”

Tendo em vista os pontos expostos, parece relevante destacar que a pesquisa ora apresentada vai além da discussão sobre educação e a modalidade a distância, é de fato uma pesquisa interdisciplinar que aborda elementos da educação, porém ancorada na visão de Ciência, Tecnologia e Sociedade, como explicita Wagner, Prado e Alencastro (2017, p. 161):

Assim, mediante o avanço nas discussões relacionadas a CTS, de sua abordagem interdisciplinar e da visão crítica com que observa e analisa as ações e consequências ligadas a ciência e tecnologia, o moimento foi capaz de destacar aspectos antes ignoradas pela sociedade e o próprio meio acadêmico.

Neste sentido, a Ciência, a Tecnologia e a Sociedade estão intrincadas nos estudos de educação, refletindo a humanidade em busca do conhecimento para agregar e trazer benefícios ao ser humano como propõe a ciência e não, como salienta Habermas (2014), para manter esse modelo imposto de que o homem é um instrumento diante das tecnologias. Os estudos culturais, sociais e educacionais são desta forma influenciados pela tecnologia em uma linha tênue entre fatores positivos e negativos que esta impõe.

É considerando esta perspectiva que se desenvolve o interesse em se estudar, pesquisar e analisar uma ferramenta da Educação a Distância, o fórum para contribuir com o entendimento e as necessidades desta modalidade para que se desenvolva como um produto capaz de auxiliar o desenvolvimento de uma educação acessível e de qualidade a milhões de brasileiros.

Desta forma, é mister compreender a definição de Educação a Distância, principalmente no Brasil. A lei nº 9.394 de 1996 foi regulamentada pelo decreto nº 9.057, em 25 de maio de 2017. No primeiro artigo deste decreto é definida a EAD:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017).

A possibilidade de estudar em espaço e tempo distintos dos professores facilita o acesso a muitos estudantes que estão distantes de uma instituição de ensino ou que não podem frequentar um curso de nível superior por não terem a disponibilidade no horário em que ele é oferecido ou, em outros casos a dificuldade é devido ao subdesenvolvimento da região, conforme aponta (ALVES, 2011). Deve-se salientar, assim, que o aumento do acesso à internet nos últimos anos, favoreceu à ampliação da oferta do EaD.

Esta modalidade de ensino prevê, então, o processo de ensino e aprendizagem entre professores e alunos de forma conectada, porém em espaços e tempos distintos. A EaD tem se desenvolvido muito, em especial com a utilização das tecnologias para sua promoção. Isso se deve à sua relevância social e por fazer parte de um conjunto de elementos promotores da acessibilidade à educação. Os envolvidos neste processo estão, ou podem estar separados geograficamente e

atuar em tempos diferentes, porém esta separação física não deve compreender falta de contato, uma vez que as propostas visam promover interações síncronas e assíncronas.

As ações síncronas são as que se desenvolvem ao mesmo tempo entre professores e alunos, embora virtualmente. As mídias nas atividades síncronas são desenvolvidas para permitir diálogos, trocas e experiências como se estivessem os atores no mesmo local. Neste momento de interação, as discussões sobre os temas permitem que todos se manifestem igualmente, independentemente do local em que se encontram, porém com a necessidade do acesso à internet e à mídia proposta. Como exemplos de mídias para ações e atividades síncronas destacamos a ferramenta de bate-papo e webinars (MORAN, 2011).

Já os estudos, ações ou atividades assíncronas ocorrem de maneira independente entre professores e alunos, mesmo considerando a virtualização. Neste aspecto, a interação continua sendo uma característica da Educação a Distância, porém não de forma instantânea, mas em tempos diferentes. Para Moran (2011) as atividades assíncronas visam a um aluno mais autônomo, maduro e que consegue definir, dentro de um limite, seu tempo para realização das atividades necessárias.

Desta forma, outra característica da EaD é que esta modalidade se efetiva por meio da tecnologia. A tecnologia efetiva o processo de ensino e aprendizagem nesta modalidade por meio da integração de diversos dispositivos que são pensados, estruturados e formatados em uma plataforma, também chamada de Ambiente Virtual de Aprendizagem, a qual conheceremos mais intensamente no próximo tópico. É por meio da tecnologia que a comunicação e a informação são possíveis em Educação a Distância. Conforme referencial de qualidade do Ministério da Educação (MEC), os cursos de educação a distância podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. A natureza do curso e as reais condições do cotidiano e necessidades dos estudantes são os elementos que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada.

Existem muitos relatos de estudos por correspondência como início da Educação a Distância. Registrada como uma nova forma de ensino, abria espaço para que por meio de jornais e correspondências pessoas fossem capacitadas em

um ofício, tivessem orientação profissional e até preparados para concursos. É provável e aceito que tenha sido aulas ministradas por Caleb Philips em 1728 o início desta modalidade:

Provavelmente a primeira notícia que se registrou da introdução desse novo método de ensinar a distância foi o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA), que enviava suas lições todas as semanas para os alunos inscritos. Depois, em 1840, na Grã-Bretanha, Isaac Pitman ofereceu um curso de taquigrafia por correspondência. Em 1880, o Skerry's College ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos. Em 1884, o Foulkes Lynch Correspondence Tuition Service ministrou cursos de contabilidade. Novamente nos Estados Unidos, em 1891, apareceu a oferta de curso sobre segurança de minas, organizado por Thomas J. Foster. (NUNES 2009, p. 2-3).

Porém, é a partir da década de 1960 que se constata um verdadeiro impulso, de forma institucionalizada da Educação a Distância no mundo, primeiramente Europa: França e Inglaterra, se dissipando aos demais continentes. Apenas em nível universitário é possível destacar como pioneiras: Open University, no Reino Unido; FernUniversität, na Alemanha; Indira Gandhi National Open University, na Índia; Universidade Estatal a Distância, na Costa Rica; Universidade Nacional Aberta, da Venezuela; Universidade Nacional de Educação a Distância, da Espanha; o Sistema de Educação a Distância, da Colômbia (NUNES, 2009).

Embora todas tenham papel de base da Educação a Distância, é retratado como seu marco histórico mundial o nascimento da United Kingdom Open University (UKOU), ou simplesmente Open University, em setembro de 1963 no Reino Unido. Esta foi uma das medidas do então ministro Harold Wilson visando a correção das deficiências tanto de matrículas como de escolas de nível superior constatadas após a segunda guerra mundial por meio do Relatório Robbins. Há registros de que o apoio do parlamento inglês foi fundamental para que a nova forma de ensino EaD tenha sido aceita, creditada e alcançasse o sucesso de existir em tantos países (AZEVEDO, 2012).

Como ocorreu em outros países dos cinco Continentes, no Brasil, o registro inicial da modalidade a distância foram cursos profissionalizantes por correspondência ofertados por professores particulares próximo dos anos 1900 no Rio de Janeiro, conforme registros do Jornal do Brasil. Em 1904 há um marco de referência com a instalação das Escolas Internacionais, organização americana que oferecia cursos por correspondência às pessoas em busca de emprego. Nos 20

anos que seguiram a experiência desta modalidade ficou nesta característica com o envio de materiais didáticos pelo correio (ALVES, 2009).

Em 1923, o Brasil experimentou um moderno sistema de difusão da Educação com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, sendo assim, o rádio foi o segundo meio de transmissão a distância do conhecimento, sendo apenas precedida pela correspondência. A função primordial desta rádio era propiciar programas educativos visando à educação popular, atingindo grande êxito com a multiplicação em várias regiões do Brasil e em muitos países do continente americano. Em 1937 numerosos programas foram implantados, principalmente privados, com o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação (ALVES, 2009).

Incentivos ocorreram no país nas décadas de 1960 e 1970 para a utilização da televisão para fins educacionais, inclusive alguns privilégios foram dados a grupos televisivos que promovessem a educação e “Coube ao Código Brasileiro de Telecomunicações, publicado em 1967, a determinação de que deveria haver transmissão de programas educativos pelas emissoras de radiodifusão, bem como pelas televisões educativas.” (ALVES, 2009, p.10). A convicção da função social de levar aos confins educação formal e informal geraram os incentivos e, estes, fizeram com que universidades de todo o país instalassem canais de televisão educacionais.

Segundo Alves (2011):

[...] a metodologia da Educação a Distância possui uma relevância social muito importante, pois permite o acesso ao sistema àqueles que vêm sendo excluídos do processo educacional superior público por morarem longe das universidades ou por indisponibilidade de tempo nos horários tradicionais de aula, uma vez que a modalidade de Educação a Distância contribui para a formação de profissionais sem deslocá-los de seus municípios, [...].

Também houve, no Brasil, interesse em implantar o modelo UKOU em fevereiro de 1979 com a ação da Universidade de Brasília (UnB), a qual assinou um convênio com a UKOU, recebendo gratuitamente direitos de tradução e de distribuição do acervo inglês para a língua portuguesa. Devido à falta de experiência, pareceu adequado ofertar cursos em nível nacional de 1º grau, surgindo o Telecurso 1º grau em parceria com a Fundação Roberto Marinho e com recursos obtidos na presidência da República, cujo o presidente era João Batista de Oliveira Figueiredo (AZEVEDO, 2012)

A UnB investiu tempo e energia e conseguiu apoio financeiro do reitor da Universidade Nôtre Dame, padre Theodor Martin Hesburgh, e do vice-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), dr. Michael Curtin, obtendo 10 milhões de dólares para estruturar a modalidade no Brasil. Como a UnB possuía uma central de produção, o BIRD ofereceu ainda 3 milhões de dólares que somados aos recursos próprios, possibilitou que seu programa editorial publicasse, apenas em 1980, mais de 250 títulos.

Outro apoio recebido foi uma assessoria para que se desenvolvesse a UKOU brasileira. Assim, vieram ao Brasil o secretário-geral da UKOU, o presidente da UKOU, e o diretor editorial da UKOU: Anastasios Christodoulos, Peter Calvocoressi, John Cox, respectivamente. O eminente professor da Universidade de São Paulo (USP) e membro do conselho editorial da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), dr. Antônio Brito da Cunha coordenou a mesa-redonda promovida pelo jornal O Estado de S. Paulo, ao lado do Jornal do Brasil e outros jornais, estes estimularam a criação da UKOU, a qual foi bem recebida nacionalmente (AZEVEDO, 2012).

No entanto, questões políticas e financeiras, ações de desestímulo, falta de incentivo e desvio de verbas deram fim ao projeto de sucesso da Inglaterra até hoje. Conforme Azevedo (2012), o MEC não apoiou o projeto e o ministro da Educação, Sr. Eduardo Portela buscou de diversas formas impedir a iniciativa, declarando, inclusive, que a UKOU era um supletivo de “*black-tie*”. O anúncio da doação obtida pela UnB, também teria gerado problemas, pois, segundo Azevedo (2012) o MEC, sob a direção de Esther de Figueiredo Ferraz, tentou apropriar-se do dinheiro, havendo atrasos e reduções no envio dos recursos e, após a mudança da administração da UnB, sendo que 25 por cento do total inicialmente obtido, foi entregue pelo reitor Cristóvam Buarque a outra instituição.

Outro retrocesso ocorrido, data de 1990 quando as emissoras de televisão ficaram desobrigadas a ceder tempo diário em seus canais para a transmissão de programas educativos. Mesmo havendo reformulação do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa em 1994 e ficando sob a responsabilidade da Fundação Roquete Pinto as ações para manter os programas educativos, com o passar do tempo observou-se que os resultados não eram mais os esperados e, além disso, os

programas eram transmitidos em horários incompatíveis com o público almejado (alunos).

Cabe ressaltar que a TV Educativa, que pelo nome deveria atender uma demanda por programas educacionais, não o faz e, por razões desconhecidas, responde ao Ministério da Cultura e não ao MEC. Além disso, embora mantenha o nome, é importante salientar que a Rádio MEC também não operada relacionada ao Ministério da Educação. Mesmo com as dificuldades apresentadas, algumas emissoras, em especial a partir do surgimento da TV a cabo, têm se dedicado à educação, o Canal Futura, as TVs Universitárias, a TV Cultura e a TV Escola, as quais têm gerado bons programas, como por exemplo, Bits e Bytes: Que mundo é esse?; Informática e Educação; Cultura Memória; Café Filosófico; Educação Brasileira; Futurando; Ciência em quadro.

Todo este contexto foi fundamental, porém a popularização da internet na década de 1970 foi o que impulsionou a EaD no Brasil. Esta consolidação se deu em grande parte por meio das universidades que instalaram as primeiras máquinas, mesmo arcando com custos altos, pois estes primeiros computadores eram enormes. Conforme foram se modernizando, passaram a custar menos e o acesso à internet foi possível. Esta realidade possibilitou então, o crescimento da EaD no Brasil (ALVES, 2009).

São destaques no trabalho de organização e desenvolvimento da EaD no Brasil a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, o Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação e a Associação Brasileira de Educação a Distância. O primeiro parecer oficial de credenciamento pelo Conselho Nacional de Educação foi concedido à Universidade Federal do Pará em 1998. Merece destaque, também, nesta história, a parceria entre o MEC, os estados e municípios para a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) em 2005, visando pesquisas, programas e integração de cursos superiores a distância.

Objetivando a relevância de informações, parece-nos importante, também, abordar mesmo que de maneira resumida o histórico legal da EaD e, para este dado, vamos nos ater ao Brasil. A primeira legislação sobre educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi criada em 1961, no entanto, apenas 35 anos depois, em 1996 a Educação a Distância teve reconhecimento como modalidade de ensino.

Muitas tentativas de regulamentação da EAD surgiram no Congresso Nacional, mas a maioria não teve êxito, sendo os projetos de lei arquivados pelas mais diversas razões. A nova LDB (Lei 9.394/96) permitiu avanços, admitindo que existisse, em todos os níveis, a EAD. Abaixo, o artigo de nº 80, considerado um dos mais expressivos:

O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

Parágrafo 1º- A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

Parágrafo 2º - A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

Parágrafo 3º - As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

Parágrafo 4º - A educação a distância gozará de tratamento diferenciado que incluirá:

I - Custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - Concessão de canais com finalidade exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (BRASIL, 2017).

A seguir, referenciamos um breve histórico dos principais decretos e portarias da EaD no Brasil:

O Decreto nº 5.622/2005 estabelece orientações gerais para EaD, como metodologia, avaliação do desempenho do aluno e credenciamento de instituições. Já o Decreto 5.773/2006 apresenta como regulamentar, supervisionar e avaliar as instituições de educação superior, contando com cinco capítulos que abordam a regulamentação e as competências necessárias, além do credenciamento específico (art.26) das instituições de ensino, com as fases do processo considerando as Mantenedoras e as Mantidas.

Reformulações ocorreram nos decretos nº 5.622/2005 e 5.773/2006 para ajustar o credenciamento junto a Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) incluindo novas regras as unidades de educação com atividade presencial e alterar o processo de Credenciamento de Campus Fora de Sede onde originalmente eram os propósitos, porém o decreto de 2007 fez esta alteração em virtude de não existir a prática de credenciamento de cursos.

Quanto ao Decreto Nº 9.057/2017, tem por finalidade atualizar a legislação de regulamentação da EaD. Estabelece a oferta de pós-graduação lato sensu EAD sem credenciamento específico e regulamenta a oferta de cursos EaD no ensino médio tanto regular como profissional técnica. É preciso registrar que o crescimento rápido e indiscriminado da EaD tornou necessário a discussão da modalidade e este número grande de portarias e decretos, os quais foram elaborados para que se garantisse lisura na oferta dos cursos, porém, mesmo com estas ações não foi possível conter o estabelecimento desta modalidade devido, principalmente, à característica de oportunizar o acesso ao ensino, mas também, é importante ressaltar, que tem servido a interesses mercadológicos de grandes e pequenas instituições.

Vislumbramos neste tópico que muitas são as informações históricas, sociais e, também, legais que permeiam a Educação a Distância no Brasil, porém coubermos neste aspecto definir considerações importantes de seu desenvolvimento sem a pretensão de exaurir todos os contextos. No próximo tópico abordaremos o Ambiente Virtual de Aprendizagem, software fundamental para o crescimento da EaD após o advento da internet e que representa a atualidade da oferta desta modalidade.

2.2.1 O Ambiente Virtual de Aprendizagem

A Educação a Distância propõe-se como uma modalidade que apresenta características importantes por ser mais flexível no processo de aprendizagem, conceder autonomia ao estudante no quesito de escolha de horário e tempo disponíveis ou necessários ao estudo, porém, com isso, aparentemente a modalidade promoveria o individualismo. Desta forma pensar em uma plataforma que disponibilize interação entre estudantes, professores e tutores e faça a promoção da aprendizagem colaborativa é fundamental para promover a Educação a Distância.

Assim, com o desenvolvimento da internet e com a proposta de Educação a Distância, era importante pensar em uma forma de disseminar informações, orientações e conteúdos, mas de forma interligada para não haver sensação, ao estudante, de isolamento e, ao mesmo tempo, que fosse possível despertar a

curiosidade para as descobertas da pesquisa, incentivando tanto a aprendizagem individual quanto coletiva. Para esta proposta, surge, então, uma proposta tecnológica, o Learning Management System (LMS) ou sistema de gestão de aprendizagem, visando gerenciamento e planejamento para implantação de recursos necessários ao processo de aprendizagem em EaD.

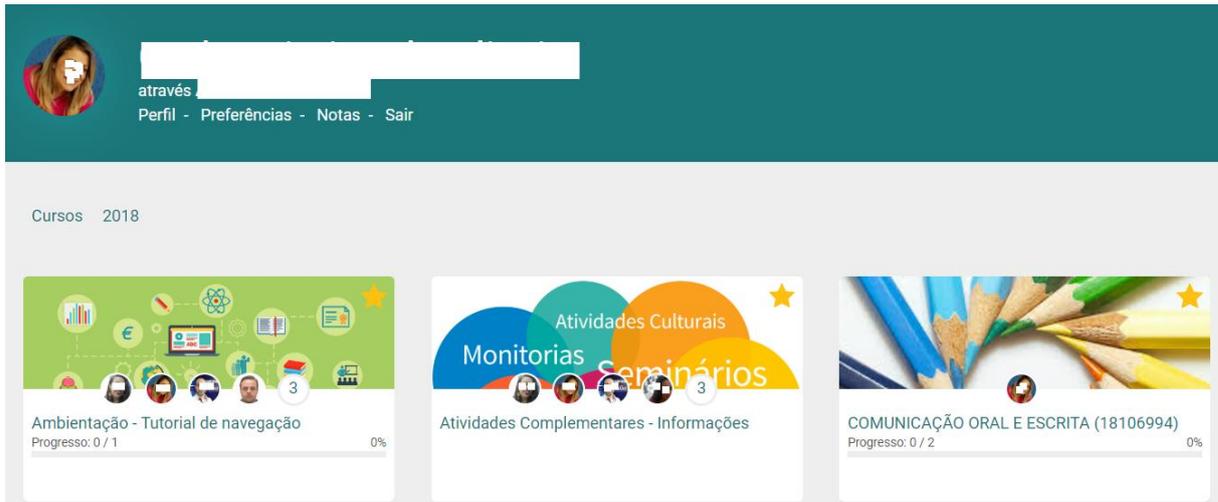
Em 1990, o primeiro software de LMS foi desenvolvido para a MacIntosh lançado pela SoftArc, porém foi em 2002 que Martin Dougiamas cria a mais conhecida e utilizada plataforma virtual: Modular Object Oriented Distance Learning (Moodle). Com uma rede de código aberto, o Moodle é de livre programação e é muito utilizada não somente na Educação a Distância, mas como suporte e apoio a cursos presenciais, sendo facilitador na aplicação de aulas invertidas.

Em uma tricotomia necessária, a Educação a Distância, as Tecnologias da Informação e da Comunicação e o Ambiente Virtual de Aprendizagem estão na base para a possibilidade de desenvolvimento de todo o processo de ensino e aprendizagem da modalidade. A Educação a Distância, abordada no tópico anterior, é disseminada por meio de um LMS mais conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), nele é que são estruturadas, organizadas e concretizadas as disciplinas dos cursos.

O AVA, desta forma, pode ser definido como um cenário programado para apresentar contextos de aprendizagem (BATES, 2016). É nesse ambiente que são disponibilizados os materiais de leitura, as atividades e as videoaulas. Também é nesse local virtual que se desenvolvem as trocas de saber promovidas pela interatividade entre os atores envolvidos, como, por exemplo, estudantes, tutores, professores.

As atividades previstas em um AVA podem ser síncronas e assíncronas: estas se dão em tempo distinto entre professores e estudantes; já aquelas são simultâneas, a interação ocorre instantaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Dentre essas atividades síncronas e assíncronas, é notadamente muito utilizado na modalidade EaD, o fórum. Este se constitui como uma atividade assíncrona, promotora de discussão de ideias a respeito de um tema específico (MACIEL, 2012).

Figura 1 - Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle – Disciplinas



Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Nos AVAs são disponibilizados recursos e ferramentas para que as práticas pedagógicas e de comunicação sejam viabilizadas aos alunos dos cursos, como webconferências, fóruns de discussão, envio de arquivo, a disponibilização de materiais de leituras, etc.). O AVA Moodle é o mais utilizado no Brasil, tendo em vista ser um sistema com código aberto e, também, gratuito.

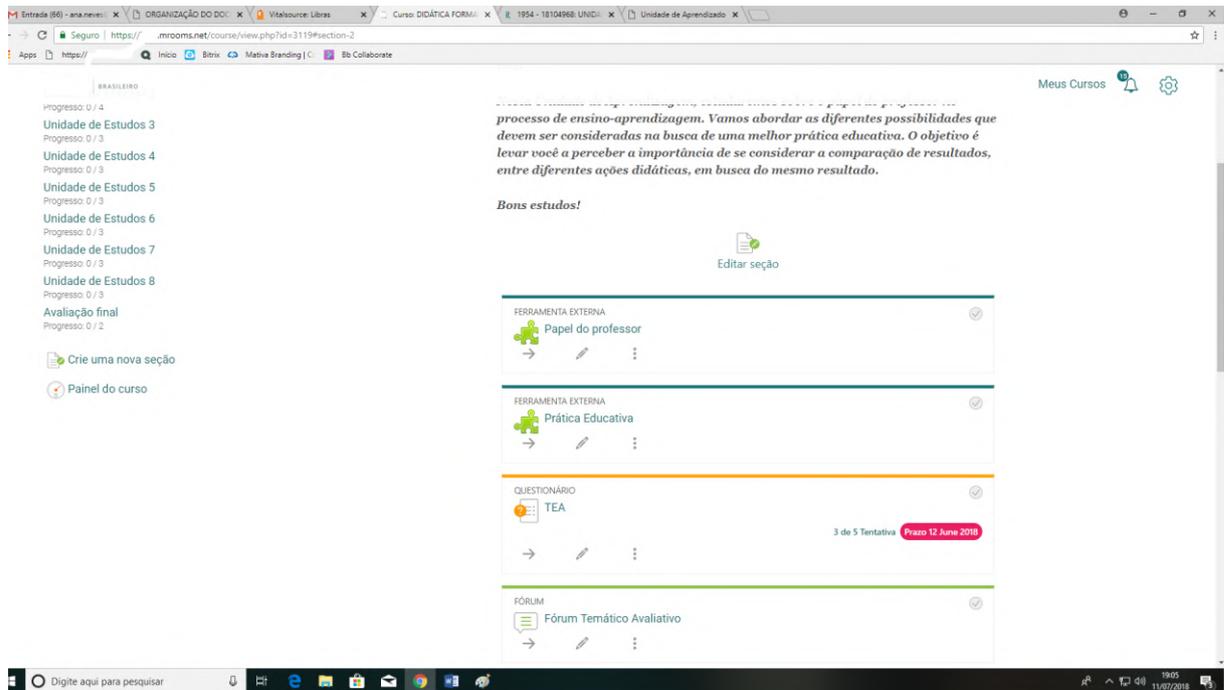
A gama de recursos de um AVA pode fazer diferença na proposta de dinamismo, aprendizagem e interação em EaD, possibilitando a utilização de diferentes mídias e, assim, privilegiando as diferenças entre os alunos e considerando os estilos de aprendizagens por meio da tecnologia de hipermídia, ou seja, a junção de diferentes mídias em seu interior (vídeos, textos, infográficos, *podcasting*, atividades).

Estes ambientes se caracterizam como ferramentas de comunicação. É no AVA que um curso EaD pode integrar mídias e materiais produzidos, por isso sua importância e a relevância de que possibilite tanto a integração de dispositivos propostos como e, principalmente, permita e viabilize a interação dos atores envolvidos, neste caso, em específico, alunos, professores e tutores.

Desta forma, ressalta-se a importância da tecnologia, pois para o AVA cumprir com sua função precisa estar em harmonia com as mídias que devem ser integradas. Se a plataforma (AVA) for a mais completa, porém for incompatível com a tecnologia escolhida para a disponibilização de uma mídia não atingirá o objetivo ou haverá necessidade de reconfigurações para a adequação entre um e outro.

Neste quesito é fundamental a estrutura de apresentação do material de forma adequada; das ferramentas síncronas e assíncronas para a permanente colaboração entre os participantes e de motivação com hiperlinks contextualizados.

Figura 2 - Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle – Unidades de uma disciplina



Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Outro fator importante a ser analisado em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é se ele possibilita a professores e tutores um acompanhamento efetivo das participações dos alunos, quer seja em atividades propostas, quer seja no desenvolvimento das leituras e demais estudos disponibilizados. A participação dos alunos neste ambiente é fator determinante para adaptação e evolução nos estudos, se equiparando à frequência esperada em sala de aula e nas propostas do ensino presencial.

A colaboração entre os atores do processo de ensino e aprendizagem em EaD, quais sejam professor, aluno, tutor, materiais didáticos e tecnologia deve permear o pensamento na construção de um Ambiente Virtual de Aprendizagem para que atinja o objetivo de construção de conhecimento. Assim, é primordial que se estabeleçam relações entre as estruturas tecnológica, epistemológica e pedagógica e que sejam desenvolvidos indicadores com base no Plano Pedagógico

Institucional para se chegar ao resultado que é o perfil do aluno que a instituição deseja formar.

Neste aspecto, Zanoni e Baccaro (2008) sugerem que os indicadores de qualidade para um efetivo Ambiente Virtual de Aprendizagem considerem os seguintes critérios:

- Interação entre os envolvidos no processo: o AVA deve permitir a interação entre os alunos, professores e tutores por meio da troca de mensagens em fórum de discussão, chats, blogs e sistema de mensagens.
- Desenvolvimento de atividades compartilhadas: a realização de atividades em grupos pode permitir a construção conjunta de conhecimento, como resultado da interpretação e compreensão da informação de maneira coletiva.
- Construção de conhecimento pela interação cultural: o ambiente virtual de aprendizagem permite reconhecer e respeitar diferentes culturas, promovendo o desenvolvimento humano e a busca da construção de uma sociedade globalizada.
- Interdisciplinaridade e contextualização: os conteúdos e a forma de interação no ambiente virtual de aprendizagem devem ser pautados em múltiplas dimensões, no intuito de superar a visão fragmentada do conhecimento. (ZANONI; BACCARO, 2008, p. 101-102).

É importante, neste contexto, sinalizar de que um AVA necessita de uma elaboração estruturada, é mais do que páginas de um software disponível na web, sua construção deve prever aspectos de interatividade sem os quais não se obtêm os resultados esperados nesta modalidade de ensino. Embora as questões técnicas não definam a aprendizagem, os AVAs podem facilitar ou dificultar as interações que devem ocorrer neste ambiente, e a interação que gera os processos de comunicação são fundamentais para a aprendizagem.

Para Lévy (1999), neste ambiente o professor assume novo papel, não perde seu lugar, mas desloca-se e recria-se, tendo uma fundamental importância no acompanhamento e gerenciamento do que está sendo apreendido pelos alunos: motivando as relações de conhecimentos, incentivando as relações pessoais e simbólicas, direcionamento dos percursos de aprendizado. O professor tem como competência, então, incentivar o aluno em um processo de aprender a pensar.

O AVA analisado nesta pesquisa é chamado de *Moodlerooms*. Esta plataforma, além de promover a interação entre professores, alunos e tutores, possui design que se adapta a todos os dispositivos móveis. A interação é facilitada em relação a outras plataformas, pois possui uma interface limpa, fácil de acessar e colorida, buscando se identificar para os alunos com semelhanças às redes sociais.

Nesta plataforma, também, há um avanço que automatiza o processo de gestão dos cursos, disciplinas, alunos, tutores e professores com os relatórios de estatística. Diferente da versão inicial do *Moodle*, a plataforma *Moodlerooms* é paga e possui características diferentes do Moodle gratuito, principalmente no que se refere à análise preditiva, a qual promove ações com foco em fazer com que o aluno permaneça na plataforma e realize os estudos.

Esta plataforma se adapta à tecnologia de código aberto da versão inicial *Moodle*, mas aprimora recursos visando à um ambiente melhor para a experiência de aprendizagem. Os alunos conseguem se concentrar melhor nos temas dos conteúdos e atividades com a organização modular, a qual elimina o excesso de cliques, otimizando os estudos.

Abordaremos no próximo tópico, a ferramenta fórum, *corpus* desta pesquisa, e sua importante característica de interação, levando à conexão com o dialogismo de Bakhtin e seu círculo. No AVA, o fórum pode ser disponibilizado para relacionamento entre alunos; tira-dúvidas com os tutores; avaliação; reflexão de temas dentre outros.

3 DIALOGISMO NOS FÓRUNS EaD

O universo digital suscita, cada vez mais, um grau maior de dialogismo. Utilizamos o termo dialogismo a partir da filosofia bakhtiniana conforme Bakhtin (2008; 2009; 2003; 2016) e Volochinov, (2017), a qual define a palavra e, conseqüentemente, a linguagem que estabelece as relações entre os indivíduos nos mais diversos contextos, sendo por Bakhtin definida como fenômeno ideológico. Mister abordar que não integra nossos objetivos um estudo pormenorizado das questões de linguagem tratadas por Bakhtin, reconhecendo sua extensão, detalhamento e complexidade. Nossa proposta consiste em refletir na perspectiva do dialogismo e dos gêneros discursivos definições importantes do filólogo que nos capacitam na análise dos estudos culturais, sobretudo identitários e de pertencimento, que são os de profundidade em nossa pesquisa. Assim, neste capítulo, refletiremos que é por meio do discurso que as relações são demonstradas e a caracterização destas relações são identificadas na linguagem, tornando evidente o pertencimento ou o não-pertencimento dos alunos nas interações promovidas nos fóruns EaD.

3.1 O dialogismo de Bakhtin nos fóruns e sua relação com o pertencer

A linguagem preconiza a interação humana e, deste modo, ao abordarmos o pertencimento dos estudantes em um fórum da EaD e considerarmos para isso o dialogismo do Círculo bakhtiniano retomamos conceitos importantes do tema linguagem. A concepção de Bakhtin a respeito da linguagem nos é essencial nesta dissertação porque o autor preconiza em seus estudos demonstrar, explicitar e tratar a linguagem como um fenômeno para além da linguística, acima de tudo, social e, desta forma, é mais que diálogo, é interação e troca. Para o autor, o objetivo da linguagem é a comunicação, a qual se dá entre um eu-tu, sendo, portanto dialógica.

Para explicitarmos o dialogismo, frisamos que o fazemos considerando sua análise a partir da tratativa do gênero do discurso. Os enunciados, sejam orais ou escritos, são elaborados a partir da língua para dar conta de toda a comunicação humana em suas diferentes possibilidades. A organização mínima possível, considerando as finalidades, seria o conjunto de tipos de enunciados e são estes, ao

que Bakhtin define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que define os gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Em Bakhtin, percebemos gênero do discurso, língua e enunciado como intrinsecamente ligados e, o gênero do discurso é algo presente social e permanentemente no dia a dia do indivíduo por meio de enunciados estabelecidos de maneira histórica, cultural e social. Para o autor os gêneros, que são distinguidos como primários e secundários, se relacionam com o tempo e o espaço que os caracterizam de forma social (BAKHTIN, 2003).

Embora Bakhtin reconheça que as distinções entre gêneros primários e secundários são muitas, gigantes e de essência, explicita a importância de se considerar as de essência que não se trata de diferença funcional. Os gêneros discursivos primários, também definidos de simples e os gêneros discursivos secundários, também chamados de complexos são, em um viés, assim compreendidos:

Os gêneros discursivos secundários [...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios [...]. (BAKHTIN, 2016, p. 15).

Assim, o fórum avaliativo temático avaliativo, ora em estudo pode ser descrito como um gênero do discurso secundário, o qual se utiliza de enunciados escritos para se apresentar. Esta perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso possibilita a análise dos fóruns EaD de forma excepcional, principalmente se considerarmos que Bakhtin enfatiza a dimensão social e de interação dos gêneros discursivos, demonstrando a relação entre os gêneros e as atividades humanas, se adequando perfeitamente à construção de nossa análise de pertencimento que preconiza a existência da relação com o outro.

Nossa análise, assim, formaliza os fóruns como um gênero e se constrói a partir de suas caracterizações, se dá de forma a considerar que as mudanças globalizantes que tratamos até agora são contempladas, pois os gêneros são constituídos em partes inextricáveis em dimensões linguístico-textual e social. O estudo, assim, é das relações dialógicas, do enunciado, dos gêneros e de outros

aspectos que ultrapassam os limites do objeto linguístico, por considerar o social, o global e o histórico, preconizando os estudos culturais aqui representados pela identidade e o pertencimento.

Bakhtin (2016) propõe três elementos principais para o gênero, a saber: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. O conteúdo temático é o recorte responsivo e responsável que o gênero faz dos assuntos do mundo concreto; a estrutura composicional é a própria estrutura textual, linguística e os recursos de linguagem discursivos que o enunciador utiliza para construir o gênero; já o estilo é o posicionamento discursivo do gênero frente aos outros gêneros. O autor explicita:

[...] Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 18).

A relativa estabilidade em que Bakhtin se pauta não deve ser entendida como fixa e permanente, não significa que os gêneros não possam ter alterações, pois o autor reconhece que há diversas possibilidades de combinação por meio de cada uma das diferentes estruturas composicionais e cada uma com características específicas como tempo, pessoa, aspecto. É possível criar e recriar, mudar e alterar um gênero devido ao estilo, o qual em sua teoria, não está restrito somente à língua, nem tampouco à psique do autor do texto.

Sua teoria é mais complexa no sentido de que os gêneros possuem estilos próprios de enunciação, sem excluir a existência do estilo individual. Por isso, Bakhtin registra duas forças operando nos gêneros, uma que os estabiliza e os tornam homogêneos - forças centrípetas, e uma que desestabiliza os gêneros os tornando heterogêneos - forças centrífugas. Ambas estão relacionadas ao estabelecimento de padrão dos gêneros.

Como vimos, os gêneros ou enunciados estão ligados às situações sociais que geram interação. Assim, mudanças na interação geram mudanças no gênero, pois alteram a relativa estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade

humana. A finalidade do discurso é que definirá suas características de ocorrência e isso está relacionado a concepções individuais, tanto do emissor quanto do receptor.

Há diversas possibilidades de análise da compreensão de um discurso: no que está no implícito, ou no explícito, ou na semântica, ou ainda, no léxico, dentre tantas outras. Para este trabalho, especificamente, focamos na produção do discurso, examinando: como são produzidos os enunciados e o quanto demonstram reconhecimento da presença do outro, velando ou desvelando sua subjetividade, assim, o dialogismo é parte que nos interessa nas interações que ocorrem nos fóruns temáticos avaliativos, de forma a demonstrar como estas interações dialógicas explicitam o pertencimento dos estudantes.

As interações por meio dos diálogos não estão restritas a palavras, mas pode acontecer, também, por meio de imagens, vídeos, infográficos e podcasts. Nossa análise se dá com o fórum temático avaliativo, no qual ocorre interações assíncronas por meio da linguagem escrita principalmente, embora possa também ter imagens. Por isso, nossa análise privilegiará os aspectos verbais frente aos demais, embora façamos a inserção do critério da foto do estudante.

Para possibilitar a análise da linguagem nos fóruns, especificamente, os enunciados, apoiamos-nos sobretudo no dialogismo, tendo em vista que para Bakhtin (2003), o diálogo é parte integrante de qualquer discurso, mas também explicitamos o monologismo a título de possibilitar a relação de pertencimento e não pertencimento e dialogismo e monologismo.

Conforme salientamos anteriormente, embora não integre nossos objetivos um estudo pormenorizado das questões de linguagem tratadas por Bakhtin, para nós é imprescindível discorrer sobre o monologismo e o dialogismo, termos abordados nas teorias presentes nas obras do círculo bakhtiniano, pois ambos os termos nos possibilitarão observar os fatos presentes nos enunciados dos fóruns de maneira adequada ao respaldo teórico.

Em uma concepção estreita, o monologismo não busca de forma consciente produzir enunciado responsivo, assim, não há preocupação em se estabelecer contato com o outro, apenas objetando questões de um 'eu' dono da consciência independente, o qual apenas informa, silenciando o outro e estabelecendo univocidade. Já o dialogismo, também de maneira simplificada, produz consciência do outro, que os enunciados possíveis de um 'eu' estão diretamente relacionados a

um 'outro', independente do tempo ou do espaço, havendo sempre a interação com, ao menos, um 'outro', dando valor ao enunciado (BAKHTIN, 2003).

Mesmo considerando Bakhtin (1999; 2003) e, assim, entendendo que a linguagem é social e os enunciados se estruturam, via de regra, a partir de enunciados anteriores de outros, na perspectiva da análise proposta para os fóruns vemos como viável a consideração dos respaldos teóricos para monologismo e dialogismo no sentido de considerar com dialogismo apenas os enunciados que conscientemente abordaram o 'outro', ou seja, considerou a interação com enunciados produzidos pelos demais participantes. Considerado isso, o monologismo será o identificado nos enunciados que se propuseram a apenas responder de forma objetiva e independente ao fórum. Esta posição nos auxilia a apresentarmos o sentimento de pertencimento relacionado ao dialogismo; enquanto o monologismo à posição de enunciados de sujeitos que não buscam pertencer.

Esta relação é possível, porque, mesmo que as teorias bakhtinianas respaldem a interação (respostas ao outro) como algo intrínseco do ser humano, também é constatado que nem todo ser humano deseja ou intenciona dar esta possibilidade em seus enunciados, ou nem sempre há interesse de que seu enunciado tenha caráter de interação social (BAKHTIN, 2003).

O dialogismo é próprio da linguagem, ou seja, todas as vezes que falamos, falamos com o outro, sendo algo constitutivo da linguagem. Segundo Bakhtin a língua em sua totalidade concreta é viva, tem seu uso real e tem uma propriedade que é o dialogismo. As relações dialógicas não se inscrevem apenas no diálogo face a face, mas a todo momento em todo ato de fala. Na comunicação utilizamos diversas estratégias para construir o dialogismo nos textos sejam orais, escritos ou digitais. Isso significa que o enunciador ao construir seu discurso leva em conta o outro que pode estar presente concretamente ou virtualmente e, no caso dos fóruns, o outro está presente virtualmente. Por isso todo discurso seja ele físico ou digital é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso do outro. O dialogismo estabelece, então, as relações de sentido entre um eu e um outro (BAKHTIN, 2016).

Neste aspecto apresentado, de relações de sentido entre um eu e um outro, o dialogismo de Bakhtin se aproxima ao sentimento de pertencimento problematizado por Bauman (2003), que é nosso foco na análise proposta. O autor aborda a linguagem como fator primordial da relação entre indivíduos e esta relação não é

baseada propriamente em local ou etnia, porém é com base em sentidos que a pertença do indivíduo se caracteriza nesta nova sociedade, em que o eu converge ao outro, já que uma das características deste pertencimento é justamente a inclusão, o fazer parte e isso se dá a partir do outro.

É mister salientarmos que o dialogismo proposto por Bakhtin (1999) é um processo de interação, o qual ele afirma que deve ocorrer entre indivíduos socialmente organizados e o monologismo, assim, se apresenta como enunciados de indivíduos que não desejam a interação, conseqüentemente não esboçam interesse em pertencer ao grupo ora inseridos.

Este social é formado, assim, pelos fenômenos ideológicos de cada grupo que propõe a interação e, nesta perspectiva aproximamos Bakhtin (1999) da visão de interpelação de Hall (2005) que propõe os discursos como convocação que os indivíduos recebem para serem sujeitos sociais de discursos, demonstrando as mudanças na identidade conforme as práticas discursivas na relação com outros. Assim, aproximamos a interpelação ao ato de diálogo entre o sujeito e os discursos e as práticas sociais.

Nesta perspectiva, observamos que estas abordagens teóricas percebem o sujeito não em seus aspectos individuais, mas como um ser socialmente constituído, um ser discursivo que se apresenta multifacetado, fragmentado, heterogêneo, assim como suas identidades. Sem a presença dos discursos não há sujeito e sem este não há identidade, pertencimento.

Desta forma, evidencia-se a associação dos discursos produzidos individualmente com sua perspectiva social, o evento de interação no fórum temático avaliativo identifica, assim, a construção de sentido, mas também, de relações de pertencer, já que constrói identidades sociais. Da mesma forma, evidencia-se o monologismo como enunciados elaborados sem a preocupação de fazer-se em relação ao outro, não gerando interação, ou pertencimento.

A palavra, a linguagem, o discurso são meios para se promover a interação e esta será a precursora das diferentes possibilidades de relacionamentos entre as pessoas, considerando as mais diversas situações. Essas relações produzidas são o que Bakhtin define como fenômeno ideológico. Assim, este é o segundo ponto em que o dialogismo tratado por Bakhtin e seu Círculo se associa diretamente com o tema dos diálogos dos fóruns em relação ao pertencer do aluno, já que é no

processo de interação que o sujeito se constitui, assim, é mister considerar sempre a existência do homem em relação ao outro (BAKHTIN, 1999).

A concepção de linguagem de Bakhtin (2003) se desenvolve com uma crítica às teorias linguísticas que não consideram a interação verbal, ou seja, a realidade essencial da língua. Isso se caracteriza pelo objetivismo abstrato, tratando a língua de forma isolada em determinadas normas, o que não concorre com a língua que se mostra viva e em constante transformação e que acontece pelas flexibilidades produzidas nos contextos na relação do locutor com o interlocutor e que refletem as identidades móveis da pós-modernidade (HALL, 2005).

Assim, esta característica tratada por Bakhtin (2003) como enunciação se dá justamente pela interação promovida em uma organização social de indivíduos, que nesta pesquisa é analisado por meio do Fóruns no Ambiente Virtuais de Aprendizagem da EaD. Santaella (2014) ressalta, também, que o pensamento do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo coaduna com as experiências que vivenciamos nas redes sociais digitais de maneira ampla, como podemos acompanhar no seguinte trecho:

Traço primordial dos processos de comunicação na web, a interatividade alcança seu clímax nas redes sociais digitais e nos games. Embora Bakhtin tenha elegido o romance como *locus* privilegiado do dialogismo, seus conceitos, tais como heteroglossia, dialogismo e polifonia se prestam à perfeição para a análise da interatividade nas redes sociais digitais. A heteroglossia é definida por Bahktin (1982) como a coexistência, o confronto e mesmo o conflito entre diferentes vozes. No caso do Facebook, a heteroglossia se faz sentir com mais ênfase quando concordâncias e discordâncias são justapostas sem que umas preponderem sobre as outras. O dialogismo é comunicação interativa em que cada um se vê e se reconhece através do outro. A dialogia é o ato do diálogo, modo como os sujeitos se relacionam, movimento entre o eu e o outro. No Facebook, a dialogia fica clara quando o usuário publica uma mensagem e esta desencadeia reações discursivas nos participantes. A polifonia é a forma suprema do dialogismo, pois se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, de uma multiplicidade de vozes. Isso se manifesta no Facebook quando a publicação recebe comentários dos usuários e diversas vozes confluem na construção do diálogo. Quando o assunto fica sujeito a controvérsias, não é raro a polifonia se transformar em cacofonia. (SANTAELLA, 2014, p. 207)

Nota-se, assim, que o pensamento de Bakhtin (2016) pode ser explorado, também, no seio das mídias digitais. Na área da Educação, o pensamento do filósofo russo e de seu Círculo já é aceito como explica Campos (2016, p. 123-124),

O filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, tornou-se muito conhecido, lido e citado entre professores de língua materna da escola básica brasileira e nos materiais didáticos, principalmente com seu ensaio póstumo “Os gêneros do discurso” (1979), escrito entre 1951-1953. Esse sucesso ocorreu a partir dos anos 1990, quando foram mobilizados os conceitos de “língua”, “linguagem”, “texto”, “gêneros do discurso” nas orientações oficiais para regulamentar o ensino de língua portuguesa para o nível fundamental e médio do país.

O pensamento de Bakhtin e seu Círculo permeia, assim, nossas discussões, uma vez que os fóruns se desenvolvem em forma de diálogos seja entre estudante-estudante, seja entre estudante-tutor. Entendemos, assim, dialogismo como uma forma de interação entre um eu e um outro, já o enunciado monológico, ao contrário, não se propõe à interação de um eu com um outro. Essa definição corrobora a abordagem sociodiscursiva³ acolhida por esta pesquisa, de forma geral, se comparados os três tipos de abordagem, comportamental, sociodiscursiva e sociocultural.

Nesta perspectiva, identificamos a identidade fluída e, a partir dos estudos de Hall (2000, 2005), compreendemos que a perspectiva sociocultural é, também, pertinente para explorarmos a identidade pós-moderna nos diálogos produzidos. Isso ocorre, porque, nos discursos podemos identificar o relacionamento estabelecido, refreado ou eliminado, como notamos, a partir do estudo de Turkle (1997) e Santaella (2010), a mudança no comportamento do usuário que vai além das potencialidades técnicas dos aparatos tecnológicos, essas ficam patentes em suas relações dialógicas.

Além disso, o sentimento de pertencimento demonstrou ser um fator determinante na constituição dessa identidade fraturada, embora não seja simples determinar os limites de um pertencimento, é viabilizada a análise por meio dos diálogos produzidos, os quais identificam seus comportamentos nas relações virtuais, em específico como elas têm acontecido nos fóruns que se caracteriza como um dos importantes meios de comunicação no AVA da EaD.

³ Neste trabalho a abordagem sociodiscursiva é entendida como a que trata o discurso dos sujeitos a partir de enfoques teórico-metodológicos que se dedicam à análise dos discursos sociais, os quais emanam da Mídia e dos receptores. Incluem-se aí a semiótica, a análise de discurso e de conteúdo de tipo qualitativo, a retórica, a linguística, a teoria das representações sociais, entre outras possibilidades teóricas, cuja tarefa é abordar os discursos dos sujeitos sobre suas práticas de recepção e sua relação com os conteúdos midiáticos. Tratadas na ancoragem de um contexto social, as falas dão materialidade às representações dos sujeitos a respeito de suas relações com os meios e seus conteúdos. (SCHMITZ et al, 2015).

Como constatado no capítulo anterior, muitos teóricos de diversas áreas do conhecimento têm buscado respostas quanto à percepção das relações individuais e coletivas e com a crescente demanda por espaços de conexão virtual. Sociólogos, ciberteóricos e etnógrafos virtuais vislumbram a interconexão como algo que só tende ao crescimento e, neste contexto, o Ambiente Virtual de Aprendizagem surgiu como um promotor, por meio dos fóruns, de novos diálogos, produzidos em novos ambientes e de maneira nova, ou seja, virtual.

As mudanças ocorridas com as tecnologias da informação e da comunicação exigem que o processo de ensino e aprendizagem envolva o desenvolvimento de habilidades impensadas antes da internet, ao menos de forma diferente. Exemplo disso são as competências de cooperação, as quais sempre foram importantes, porém em EaD, é a única maneira de se produzir, em conjunto com os conteúdos contextualizados e as experiências individuais, a interação efetiva e conseqüentemente, a aprendizagem, pois como destaca Vygotsky (1994) a interação é de fundamental importância, pois a partir deste processo é que ocorre a construção do conhecimento.

Assim, o fórum na perspectiva de ferramenta de interação, é de fundamental importância no processo de aprendizagem, pois tem relação direta com o desenvolvimento cognitivo e, por ela, geram-se experiências, tornando-se uma possibilidade de estratégia no processo de ensino e aprendizagem para abordar diversos conteúdos. Vale lembrar, neste ponto, que Bakhtin, conforme expusemos anteriormente já indicava a palavra, então o enunciado e, conseqüentemente, o diálogo como meio de interação, que se desenvolve no processo social do indivíduo.

Para Bakhtin (2016) é por meio da interação entre indivíduos, os quais assimilam seus diálogos pelos conceitos ideológicos que os unem que se forma a enunciação, por isso seu papel fundamental na troca de informações, já que para ele, o sujeito é histórico e ideológico, sendo substituído por vozes sociais. O fórum, assume como já abordamos, o local desta interação, a forma de este indivíduo se conectar com outros e produzir novas possibilidades, tornando-se parte ou excluindo-se; reconstruindo-se em sua identidade e pertencendo ou sentindo-se deslocado.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces e nisto é possível perceber o pertencer. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo

fato de que se dirige para alguém, estabelecendo relação. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte, podendo gerar identificação e, conseqüentemente, o sentimento de pertencimento. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, o “*eu* se define em relação ao *outro*, isto é, em última análise, em relação à coletividade”. A palavra é uma espécie de “ponte lançada entre *mim* e os *outros*”. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor (BAKHTIN, 1999, p. 113).

Esta relação com o outro tratada por Bakhtin é pretendida de maneira global em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, porém em especial na proposta de um fórum. O fórum pretende viabilizar, com as relações promovidas pelas discussões, mais do que apenas conhecimento específico do conteúdo exposto, mas interação dos alunos para que contextos ideológicos, como propõe Bakhtin, se integrem fazendo com que os alunos elaborem novas perspectivas e relacionamentos a partir de sua real integração como indivíduo que pertence.

Propomos, desta forma, duas estratégias de construção das relações sociais estudantes-estudantes. Embora haja relações tutor-estudantes e estudantes-tutor, privilegiamos as interações estudante-estudante, uma vez que estamos estudando o pertencimento destes à classe de estudantes e não à instituição.

A primeira estratégia privilegia o monologismo, caracterizando o não-pertencimento de um *eu* com um *outro*, a segunda estratégia privilegia o dialogismo, caracterizando o pertencimento, ou seja, utilizamos o dialogismo consciente presente nas interações como elemento no critério de pertencimento, cada uma com características próprias sendo desenvolvidas ao longo das postagens, algumas mais outras menos. Bakhtin explicita a consciência em relação ao dialogismo e o inverso quanto ao monologismo, corroborando nossa proposta:

As relações dialógicas pressupõem uma unidade do objeto da intenção (orientação).

O monologismo nega ao extremo, fora de si, a existência de outra consciência isônoma e isônomo-responsiva, de outro *eu* (*tu*) isônomo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o outro permanece inteiramente apenas *objeto* da consciência e não outra consciência. Dele não se espera uma resposta que possa modificar tudo no mundo da minha consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força *decisiva*. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Assim, o monologismo destacará enunciados caracterizados por participações que privilegiam resposta objetiva ao tema, ou seja, o monologismo é proposto ao responder ao fórum com base em sua proposta inicial, o dialogismo, diferentemente, privilegia, além da resposta em relação ao tema, o diálogo em relação ao *outro* e seu enunciado, sendo, desta forma, característico do pertencimento ora estudado.

Ainda no monologismo prevalece um 'nós' exclusivo como se o *eu* estivesse como aquele que detém o saber ou aquele conteúdo, por isso ele considera que a sua verdade seja a única verdade, ou seja, que a sua resposta seja a mais certa entre todas as possíveis, por isso tem menos marcas de subjetividade, produzindo, assim, efeito de maior objetividade. Outra característica nos enunciados classificados como monológicos é a impessoalidade, ou seja, não há interesse em se manter contato com o enunciado do outro, nesta perspectiva, considera-se o desinteresse na troca e, conseqüentemente, no estabelecimento de relação, o que caracteriza o não-pertencimento, se considerarmos sua relação com o termo comunidade.

Um usuário utilizando este tipo de estratégia privilegia o cognitivo, temos conforme indica Bakhtin forças centrípetas, ou seja, concentram vozes sociais a partir de um determinado campo ou centro de valorização sobre o mundo. Este determina o que é verdadeiro e o que é falso, portanto aquele que utiliza esta estratégia considera que a sua resposta é a única e exclusivamente a verdadeira, desconsiderando qualquer subjetividade que permeia sua resposta, como no domínio do *eu* bem como descartando a possibilidade de outras respostas de domínio do *outro*, descaracterizando a importância de se desenvolver com o grupo, com os pensamentos e ideias propostos pelos *outros*.

Já a estratégia de pertencimento, caracterizada a partir de participações que diminuem esta característica objetiva e privilegiam o dialogismo consciente, temos o 'nós' inclusivo em que o 'eu' considera o 'eles' e o 'tu'. Pode se expressar, também, pelo termo "a gente", produzindo um efeito de maior subjetividade, porque 'ele' não esconde suas marcas de enunciação se dizendo no presente do indicativo, bem como usa a primeira pessoa do singular com frequência, relatando como chegou à resposta trazendo marcas do seu contexto pragmático, mostrando-se como sujeito e mais sensível à resposta do *outro* e retomando parte do discurso alheio o que não ocorre no monologismo.

Mais uma vez, é importante salientarmos que o dialogismo, em viés amplo, é presente em todos os enunciados presentes nos fóruns temáticos avaliativos, pois é no diálogo que são produzidos os sentidos e estes foram marcados pelo próprio enunciado proposto ao fórum. Os enunciados produzidos a partir dele são todos dialógicos em relação ao tema, há esta interação, porém, quando não houver a interação de um *eu* e um *outro* de forma intencional, será nesta pesquisa tratado o enunciado como monológico.

Na estratégia que privilegia o dialogismo, considerando os termos de Bakhtin, prevalecem as forças centrífugas, pois não temos apenas um único e exclusivo centro de valorização sobre os mundos, as respostas podem ser múltiplas, por isso, essa resposta vai se dissipando sobre outros campos do saber, podendo retomar o domínio do outro ou interagindo com o domínio do outro, o que não ocorre na estratégia que privilegia o monologismo, na qual as forças centrípetas é que prevalecem. Embora forças centrípetas e centrífugas também sejam termos utilizados por Bakhtin, privilegiaremos em nossa análise, apenas monologismo e dialogismo, por considerarmos que melhor explicitam os enunciados.

No próximo tópico, dissertamos sobre o Fórum Temático Avaliativo do curso de Pedagogia EaD, *corpus* desta dissertação.

3.2 Fóruns do curso Pedagogia EaD

Paulo Freire (2001) defende a educação como um ato dialógico e reflete a interação quando aborda do "conhecimento relacional e inter-relacionall" que os indivíduos aprendem uns com os outros e que esta interação com o mundo se faz por meio do outro de forma indissociável: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (FREIRE, 2002, p. 68). Este pensamento do educador corrobora com a importância ressaltada em relação ao fórum, em especial quando estamos abordando como ferramenta de interação em um mundo de transformação com a inserção das tecnologias na educação.

O fórum surge como ferramenta de diálogos e, em educação, ele prevê a aprendizagem, permitindo a troca de saberes, significados e experiências por meio da tecnologia. Interação, assim, é função primária desta ferramenta, afinal será nela e por meio dela que os alunos terão troca, a emissão e a recepção das mensagens

ocorrerão para gerar o processo de colaboração e comunicação entre aluno, professor e tutor. Conforme Lévy (1998, p. 96), “por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos, pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo.”

Neste aspecto, o fórum apresenta características de outro fator relevante: sempre haverá os outros e suas intenções em um enunciado do emissor. A interação, desta forma, depende da participação conjunta do grupo socialmente (não fisicamente) reunido, neste estudo caracterizado pela virtualidade. Conforme explicita Bakhtin (1999), sempre que ocorre um enunciado é porque está se respondendo a um enunciado produzido anteriormente, subentendendo-se relações de um texto com outros textos e discursos anteriores que definem o dialogismo: "dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido." (BAKHTIN, 2000, 354).

Nesta perspectiva, a ferramenta assíncrona fórum foi desenvolvida para promover a interação e reforçar a aprendizagem colaborativa como base para o desenvolvimento da Educação a Distância. A interação aqui é vista como essencial, como destaca Primo, et al. (2008, p. 25) “A situação interativa impõe, desde um nível mais profundo, determinadas atitudes aos sujeitos em interação, que podem ser articuladas numa sintaxe interacional.”, com base neste entendimento associamos esta interação ao sentimento de pertencimento, já que quanto mais envolvidos os estudantes estiverem na discussão proposta na ferramenta, mais o contato com o outro terá sentido e será importante para gerar diálogos que os interconectem. As respostas concedidas por alguns alunos poderão aproximar ou expelir outros alunos, relacionando, assim, o processo de interação diretamente com a efetivação ou não do sentimento de pertencimento que temos destacado.

A proposta, a partir da ferramenta fórum, é a comunicação, primeiramente como sistema de informação e reflexão propostas pelo professor, para a partir da participação individual, o outro possa se ver nas postagens e, assim, interagir primeiramente com ele e depois com o próximo gerando o desenvolvimento do debate de ideias por meio do diálogo, independentemente da aceitação ou não da percepção do outro, o papel desta interação é exposição de ideias considerando o outro, mas não, necessariamente, concordando com o outro, como explicita Primo,

et al. (2008, p. 25) “A interação, evidentemente, varia de acordo com a relação mantida entre os envolvidos, que podem intercambiar os papéis de destinador e destinatário, como se dá nos diálogos, ou, numa atitude oposta, se manter cada um em sua posição.”

O fórum, assim, é uma ferramenta pedagógica de comunicação que deve ser colaborativa, tendo como papel fundamental a troca de experiências e conhecimentos, preconizando o diálogo e a interação entre os estudantes. Acredita-se que a grande importância da utilização de fóruns em ambientes virtuais de aprendizagem EaD está na possibilidade de unir os estudantes, entre eles, com os tutores, professores e com o conteúdo em um mesmo espaço para diálogo, diminuindo, assim, a ideia de isolamento e motivando o conceito de pertencimento presente na sociedade. Neste aspecto, todos podem colaborar com a construção de conhecimento. Para Cabral e Cavalcante (2010, p. 72), “o Fórum é excelente ferramenta para promover a interação entre um grupo de estudantes e o professor”.

O gênero fórum pode ter várias finalidades como: explorar um assunto; avaliar conhecimento de conteúdo; tirar dúvidas e debater ideias.

O fórum que tratamos nesta pesquisa é do curso de Pedagogia EaD e é definido como “Fórum Temático Avaliativo”. O conteúdo temático deste gênero é específico e por esta especificidade ele foi escolhido, pois, tem por metas: ser temático, ou seja, seleciona-se um tema para desenvolvimento; avaliativo, impactando diretamente na vida acadêmica do aluno; gerar formação contínua e revisão de conteúdos, porém todas estas características só se concretizarão se houver interação direta do aluno com o conteúdo ali exposto, ou seja, as estratégias de pertencimento serão verificadas, primeiramente, por meio do aceite dos alunos em participar e, depois, considerando os diálogos produzidos.

A estrutura composicional de um fórum parte tradicionalmente de uma pergunta, porém pode-se também apenas abrir um fórum e deixar para participações livres. Nosso corpus possui uma estrutura composicional específica, ela parte da questão elaborada pelo professor que será respondida e discutida pelos usuários alunos e mediada pelo tutor. O professor não participa do processo dialógico do fórum deixando esta responsabilidade para o tutor, o qual fará a mediação entre os alunos e a pergunta que desencadeia todo o dialogismo.

A organização para o debate promovido neste fórum é uma estrutura de árvore para que os diálogos sejam disponibilizados hierarquicamente, ou seja, deve haver a manutenção de relação entre o tema lançado, as respostas iniciais e as réplicas. Todos os estudantes regularmente inscritos na disciplina têm acesso à participação no fórum e podem inserir suas percepções, ideias e as relações criadas com o conteúdo disponibilizado, contribuindo para o engajamento, para a construção dos relacionamentos e, conseqüentemente, com o sentimento de pertencimento no AVA.

Após a questão elaborada pelo professor termos em sequência, a partir da marcação do tempo, do dia da semana e do nome do usuário as postagens. Cada postagem terá como título o mesmo elaborado inicialmente pelo professor “Fórum Temático Avaliativo” que é o gênero, o dia do mês e o horário que o aluno fez a interação. Essas marcas de tempo são recorrentes e frequentes nos fóruns em análise, o que os distingue da maioria dos fóruns, os quais via de regra marcam apenas o usuário.

Outra característica da estrutura é o enunciado, a possibilidade de inserção da imagem do usuário, escolha que é livre, sendo um índice de personalização que a própria plataforma oferece, sendo um possível critério. O aluno também tem as possibilidades em cada postagem de editar, excluir, responder ou voltar ao menu principal para ler o tema. Pode responder à pergunta do professor ou interagir diretamente com outro usuário, assim, constata-se que a própria estrutura composicional deste fórum escolhido para análise corrobora o dialogismo.

O estilo dos fóruns, via de regra, depende do recorte temático: se o fórum for entre professor e aluno, pode gerar mais marcas de polidez, por exemplo. O fórum em análise, cuja as interações são aluno *versus* aluno e com mediação do tutor, via de regra, constata-se menos marcas de polidez, assim observa-se linguagem menos formal e, também, marcas de oralidade. Estas características favorecem o dialogismo, uma vez que os gêneros primários são mais oralizados. Assim, embora o fórum seja um gênero secundário, possui marcas de oralidade próprios dos gêneros primários.

Desta forma, observamos neste tópico que o *corpus* em análise, o qual está visível a partir dos discursos produzidos pelos estudantes nas interações do fórum selecionado do curso de pedagogia EaD têm características próprias, cumprindo o

que Bakhtin (2008, p.96) afirma de que o “gênero sempre é e não é o mesmo”, retomando algumas marcas e variando outras. Como reportamos anteriormente, a escolha visa uma seleção que se baseia no grau de significância, no de pertinência e, sobretudo, na diversidade dos recursos de linguagem utilizados os Fóruns Temáticos Avaliativos.

4 ARTICULAÇÕES ENTRE DIALOGISMO E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

As análises que ora apresentamos possuem como fonte a realidade de um Ambiente Virtual de Aprendizagem de um Centro Universitário, situado na região sul da Cidade de São Paulo, o qual possui tradição de 46 anos no ensino presencial, mas apenas nos últimos anos tem atuado com o desenvolvimento da EaD, primeiro com a oferta dos 20% on-line nas disciplinas dos cursos presenciais e, há dois anos, estabelecendo os cursos EaD, primeiramente os de graduação tecnológica e, no último ano com licenciatura em Pedagogia e bacharelados: Contábeis e Administração.

Até o primeiro semestre de 2017, a instituição possuía 47 alunos matriculados nos cursos tecnológicos de Logística e Processos Gerenciais. Com mudanças propostas no Ambiente Virtual, na oferta de cursos, na estrutura dos materiais dos cursos e orientação a professores e tutores, em 2018 a instituição saltou para 497 alunos nos oito cursos disponibilizados.

As articulações propostas entre dialogismo e sentimento de pertencimento serão consideradas nos Fóruns Temáticos Avaliativos definidos como *corpus*. Neste capítulo, então, serão analisadas, principalmente com base nos estudos de Bakhtin (1999; 2008; 2016); Bauman (1998; 1999; 2001; 2003; 2005; 2008) e Hall (2000; 2005), interações produzidas nas disciplinas Oficina de formação do professor leitor e Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem por alunos do curso de pedagogia EaD.

Cabe-nos, nesta perspectiva, identificarmos as características e os elementos dos enunciados produzidos neste gênero discursivo que explicitem o pertencimento por meio dialogismo ou o não-pertencimento quando se trata do monologismo. Assim, vamos analisar três enunciados de estudantes que validam essas duas concepções, bem como enunciados que mesclam ambas as concepções. Posteriormente, nos propomos à análise global de todos os estudantes, com base na nos seguintes critérios: se colocar como sujeito (caracterizada, nesta pesquisa, pela utilização de primeira pessoa); cumprimentar o outro, despedir-se do outro, reportar-se ao enunciado do outro e se identificar.

4.1 Análises dos enunciados do fórum temático avaliativo da disciplina oficina de formação do professor leitor

Para compreensão adequada as análises, é fundamento apresentarmos os dados base de que dispomos em relação aos participantes da disciplina. Os fóruns avaliativos analisados são do curso de Pedagogia, disciplinas Oficina e formação do professor leitor e Psicologia da Aprendizagem.

A primeira análise corresponde à disciplina Oficina e formação do professor leitor, na qual identificamos que 55 estudantes iniciaram a disciplina, ou seja, o fórum continha 55 participantes, porém, destes, dez suspenderam a matrícula. Desta forma, a análise na disciplina de Oficina e formação do professor leitor considerou 45 estudantes (ANEXO B).

Ao analisarmos esta disciplina constatamos que, conforme ANEXO A, apenas 17 dos 45 estudantes participaram do Fórum Temático Avaliativo. A participação, em uma perspectiva global foi ativa, já que percebemos um total de 26 respostas destes 17 participantes, ressaltando que três destes participantes atuaram uma única vez e após a data de fechamento do fórum temático avaliativo. Cabe ressaltar que as 26 respostas excetuam as intervenções da tutora da disciplina, ou seja, são 26 atuações dos estudantes.

Primeiramente expomos a proposta do Fórum Temático Avaliativo da disciplina de oficina de formação do professor leitor

Figura 3 – Fórum Temático Avaliativo: Oficina de formação do professor leitor

OFICINA DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR (18106945)

Fórum Temático Avaliativo

Mostrar respostas começando pela mais antiga

Fórum Temático Avaliativo

Wednesday, 13 Jun 2018, 17:06



Buscar no fórum

"A plenitude da formação de que cada ser humano necessita não é, uma tarefa individual, mas, sim, uma responsabilidade social." CAMPOS, Regina C. P. A formação humana: reflexões sobre educação e trabalho. In: COELHO, Maria Inês, COSTA, Ana Edith. A educação e a formação humana. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 51. De acordo com a visão do processo educacional apresentando acima por Campos, que possui relação direta com a noção de formação humana e definição do meio de produção mais original utilizado pelos seres humanos, trace uma um paralelo entre o hábito de leitura e as linguagens e suas tecnologias.

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Algumas participações do fórum apresentam as características estudadas no capítulo um desta dissertação quanto à quebra de fronteiras. O espaço físico, local é substituído pelo espaço virtual e a interação face a face do debate passa a ser promovido em tempos distintos entre os interlocutores, neste caso os estudantes, demonstrando novos significados para os termos sociedade e comunidade que aqui se formam. Podemos constatar esta proposição na participação a seguir:

Figura 4 – Fórum Temático Avaliativo: Resposta



Re: Fórum Temático Avaliativo

por D

- Sunday, 13 May 2018, 22:08

R ,

Quando você cita "e a escola ficou quase que sozinha nessa missão", que ações mais concretas poderiam ser adotadas pela escola/ professor para mudar esse cenário, mesmo que o caminho da transformação fosse considerado árduo?

Soma das avaliações: 10 (1)

Avaliar...

[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Observamos nesta postagem (Figura 2), a interação direta com a participação de outro estudante, há o vocativo e, principalmente, fazendo referência ao que o outro explanou em sua participação, podendo caracterizar consciência do outro e interesse em permanecer na discussão. Este estudante fez três participações consistentes no fórum temático avaliativo, respondendo ao primeiro questionamento, propondo discussão e promovendo a reflexão. Ao considerarmos este enunciado em relação aos demais, percebemos que há reincidência, o que parece-nos demonstrar o que Bauman apresenta a respeito do pertencimento de que este teria como propósito transmitir certa segurança (1998), conforme podemos constatar nos enunciados das figuras 5 e 6:

Figura 5 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante 1



Re: Fórum Temático Avaliativo
por ----

- Sunday, 13 May 2018, 21:53

A leitura além de ser responsável pela formação pessoal e profissional do ser humano, tem o poder de transformar a sociedade. A leitura enriquece o vocabulário e desenvolve a imaginação, embora essa nova geração não tenha despertado o gosto pela leitura, mesmo reconhecendo que ela é indispensável para a formação do conhecimento.

Vivemos a era digital, onde a tecnologia está cada vez mais presente com o uso de celulares e computadores. A internet está criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabam se adaptando às facilidades da nova tecnologia. Isso vale tanto para a leitura, quanto para a escrita, principal meio de expressão do internauta (muitos já estão deixando de escrever para mandar mensagem via áudio). Com a influência das novas tecnológicas na educação, pudemos observar mudanças na prática da leitura, o que tem impactado diretamente na sala de aula.

É fato que quem lê muito, escreve corretamente. O texto escrito pela geração de internautas é um texto mais coloquial, abreviado e cheio de símbolos; muitas vezes difíceis de traduzir.

O professor, em virtude de toda essa transformação, precisa repensar a sua prática pedagógica e adequar-se as novas tecnologias, uma vez que os seus alunos vivem essa realidade virtual. Isso mostra que, um dos maiores desafios do professor é utilizar esses recursos como ferramenta de ensino e para isso precisa capacitar-se, a fim de que criar condições para que o aluno construa o seu próprio conhecimento.

Soma das avaliações: -

[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Figura 6 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante 2

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por - Tuesday, 29 May 2018, 10:57

Podemos afirmar que o assunto em questão representa um grande desafio. A escola precisa acompanhar esse processo de transformação tecnológica. É muito importante que a escola forme e prepare essa nova geração para o uso de tecnologias da informação.

No caso específico das escolas públicas é imprescindível que o Governo Federal adeque as escolas a essas novas tecnologias, e que os professores sejam treinados para explorar, ao máximo, essa ferramenta em sala de aula.

A tecnologia pode perfeitamente ser uma aliada dos educadores no processo de leitura, cabe ao professor desenvolver formas criativas de incentivo à leitura e à escrita por meio dessas tecnologias. A união do ensino e da tecnologia faz com que o conteúdo chegue até o universo do aluno de uma maneira divertida e lúdica; fazendo com que ele assimile o conteúdo de uma forma mais construtiva.

O educador poderá casar várias atividades com o apoio do computador, utilizando imagens, vídeos, músicas, fazendo com que os alunos desenvolvam projetos interessantíssimos.

Soma das avaliações: - [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Outras duas participações a seguir, Figuras 7 e 8, demonstram também a necessidade, o interesse em dialogar sobre o tema, considerando o enunciado do outro, o que nos remete ao que Bauman (1999) aborda que pertencimento e comunidade são termos que se intercambiam quando indivíduos consideram o convívio de um determinado grupo. Podemos caracterizar, assim, que quando o enunciado busca o outro, está buscando o convívio identificado por Bauman.

Figura 7 - Fórum Temático Avaliativo: Participação estudante em dialogar

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **E** - Wednesday, 30 May 2018, 21:58

C , essa proposta de mesclar acho uma excelente ideia. Com essa diversificação da tecnologia os alunos anseiam por metodologias diferentes e que lhe prendam a atenção.

Soma das avaliações: - [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **M** - Thursday, 31 May 2018, 16:14

Olá C !

Como mencionado no fórum anterior, esta é a proposta, trabalhar de forma integrada o tradicional com a inovação, mostrar que ambos têm atrativos e se juntar o que cada um tem de bom é possível ter uma riquíssima ferramenta de incentivo à leitura. Para tanto o planejamento e o preparo do mediador precisa ser eficiente e adequado. Não é possível achar que as bibliotecas “silenciosas” e cercadas de prateleiras são atrativos de leitura no mundo de hoje. Mas é possível transformá-la sem que perca a essência.

Soma das avaliações: - [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Ambas as participações, propõem o vocativo, interagem diretamente com outro participante na expectativa de ligação com o outro, com a ideia de mesclar sua percepção do tema com a percepção do outro. Nesta perspectiva há a congruência com o que propõe o pertencimento ao grupo, no qual o ‘eu’ considera importante o ‘outro’ a ponto de mencioná-lo, de responder ou propor diálogo.

Nas participações acima, constatamos o dialogismo consciente, pois a relação existente entre os participantes se dá de forma a estabelecer a interatividade. Nesta interatividade proposta, percebemos nossa proposta relacionada ao pertencimento, pois temos a inclusão outro, há a consideração do ‘tu’ nas interações, abrindo espaço para a identificação. As participações não escondem suas marcas de enunciação, mas se mostram sensíveis às respostas dos outros, as retomando.

Ainda nesta disciplina, Oficina em formação do professor leitor, constatamos interações que se identificam exclusivamente como monológicas. A abordagem utiliza-se da linguagem impessoal:

Figura 8 - Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal 1


Re: Fórum Tematico Avaliativo
 por **C** - Saturday, 28 Apr 2018, 20:53

por mais que haja cada dia uma tecnologia nova, a leitura sempre será sempre importante na vida dos seres humanos ler obter conhecimentos, imaginações através dos contos de fadas, a sabedoria adquirida jamais serão esquecidas.

Soma das avaliações: **10 (1)**
[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Figura 9 - Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal 2


Re: Fórum Tematico Avaliativo
 por **I** - Sunday, 6 May 2018, 17:45

O professor pode elaborar atividade relacionada ao um tema de livro,conto ou algo que esteja na internet na semana, propor uma pesquisa com o assunto em questão.

Soma das avaliações: -
[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Figura 10 — Fórum Temático Avaliativo: Linguagem impessoal



Re: Fórum Temático Avaliativo

por **M**

- Sunday, 27 May 2018, 09:57

Olá Bom dia!!!

No século XXI os recursos tecnológicos passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas e com as crianças e adolescentes não é diferente, tornando-se também parte do universo dos alunos, com isso utiliza-la como ferramenta facilitadora de processos de formação educacional é fundamental para a qualificação do aluno e para que os objetivos educacionais sejam atingidos. Em relação ao incentivo à leitura esta ferramenta pode ter um papel motivador se for bem explorada e utilizada.

Por meio de projetos é possível criar hábitos leitores através de tecnologias utilizadas no dia a dia dos alunos. Trazer por meio de projeções obras literárias e suas vertentes para rodas de leitura, pode provocar o conhecimento e aguçar o olhar para o conteúdo clássico e moderno juntos, não tirando a importância do clássico, mas o remetendo ao atual e que faz sentido aos alunos. A tecnologia bem utilizada pode provocar a criação de valores à prática de ler que a leitura obrigatória, tradicional e “sem sentido” não provoca.

[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

3

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Os três enunciados anteriores, diferentemente das primeiras participações, não apresentam em nenhum momento a relação com o ‘tu’, ficando claro o monologismo. Observamos, ainda, que não há marcas de subjetividade, os enunciados apresentam relatos impessoais e técnicos. A importância não é dada à relação com o outro e, conseqüentemente, ao pertencer ao grupo, mas é dada pela resposta à pergunta e não pela troca com a participação do outro, não havendo qualquer retomada de discurso alheio. Há uma constante, também, do presente do indicativo ou presente histórico, sem variação verbal, utilizando terceira pessoa e sendo um enunciado impessoal.

Ainda nesta disciplina, observamos duas participações que mesclam enunciados dialógicos e monológicos, ora identificam-se impessoais, ora demonstram a tentativa em estabelecer a relação com o outro, buscando aproximação de discursos de outrem para compor o grupo. É importante salientar que na afirmação de estabelecer relação com o outro não está a ideia de citar ou se

reportar ao outro necessariamente, mas também de assumir sua posição como sujeito, de forma a que o enunciado se proponha à troca.

Figura 11 — Fórum Temático Avaliativo: Dialógicos e monológicos 1



Re: Fórum Temático Avaliativo

por R

- Friday, 11 May 2018, 20:32

O professor hoje precisa saber trazer a tecnologia para dentro da sala de aula e torná-la aliada a seu ensino INCLUSIVE no âmbito da leitura. Pelo que tenho lido já é tão difícil estimular a leitura nessa nova geração e a escola ficou quase que sozinha nessa missão. Mas eu acredito que é importante mesclar, trabalhar a leitura de um artigo de jornal ou revista online, mas ao mesmo tempo ler de um livro, de capa dura e de folhas amareladas. Acredito que é super interessante ler aquela poesia de um blog mas também fazer aquela roda no parquinho e ler direto de um livro sem figuras enriquecendo a leitura com o simples tom de voz...

Ao mesmo tempo que fascinamos eles com o uso da linguagem e suas tecnologias, é interessante mostrar também que o "tradicional" pode ter seu espaço se for apresentado com empolgação e inteligência.

Soma das avaliações: -

[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Figura 12 — Fórum Temático Avaliativo: Dialógicos e monológicos 9



Re: Fórum Temático Avaliativo

por E

- Wednesday, 30 May 2018, 21:58

...essa proposta de mesclar acho uma excelente ideia. Com essa diversificação da tecnologia os alunos anseiam por metodologias diferentes e que lhe prendam a atenção.

Soma das avaliações: -

[Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Podemos observar no primeiro enunciado que o interesse inicial é posicionar o tema, não há exposição do enunciador, apenas do enunciado caracterizando monólogo. A partir da primeira pontuação "Pelo que tenho lido[...]" o enunciado dá lugar ao sujeito enunciador que se mantém no dialogismo por quase todo o texto,

voltando ao monologismo no último parágrafo, no qual o enunciado toma posição central novamente. Nesta participação vislumbramos que o sujeito pretende o pertencimento, mas ao mesmo tempo resiste.

Embora o discurso seja curto, o segundo enunciado se propõe inicialmente como dialógico, no qual observamos a tentativa de fazer parte por meio da concordância com a proposta do outro, mas em seguida já aparece a caracterização do monologismo do que deve ser, ou seja, o interesse de se desvincular do relação com o sujeito do enunciado e tratar exclusivamente o enunciado.

Consideramos até aqui as relações dos discursos baseadas entre monologismo e dialogismo, em especial a importância do dialogismo, mediante o qual propomos a identificação do sentimento de pertencimento. Entendemos, porém, que outros critérios presentes no gênero discursivo fórum temático avaliativo também sejam seus qualificadores potenciais em nossa análise e com a proposta do quadro e dos gráficos, possibilitou-nos análise de todos os estudantes.

Conforme demonstrado nos capítulos teóricos, quando pertencemos à uma comunidade, temos relação com o outro e o consideramos, já que a identidade está nesta relação com o outro. Para nossa proposta, tratamos algumas características da linguagem que podem demonstrar esta relação, quais sejam: se colocar como sujeito, o que nesta pesquisa se dá pela utilização de primeira pessoa; cumprimentar o outro, despedir-se do outro, reportar-se ao outro e se identificar por meio de foto.

No Quadro 1, demonstramos todas as participações do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Oficina e formação do professor leitor e, também identificamos os estudantes que se ausentaram do fórum. A indicação numérica 0 (zero) caracteriza que não ocorreu o critério informado, já a indicação numérica 1 (um) representa a ocorrência. Para que o leitor possa conferir as informações aqui inseridas, a análise considera os enunciados na ordem em que se apresentam no ANEXO A.

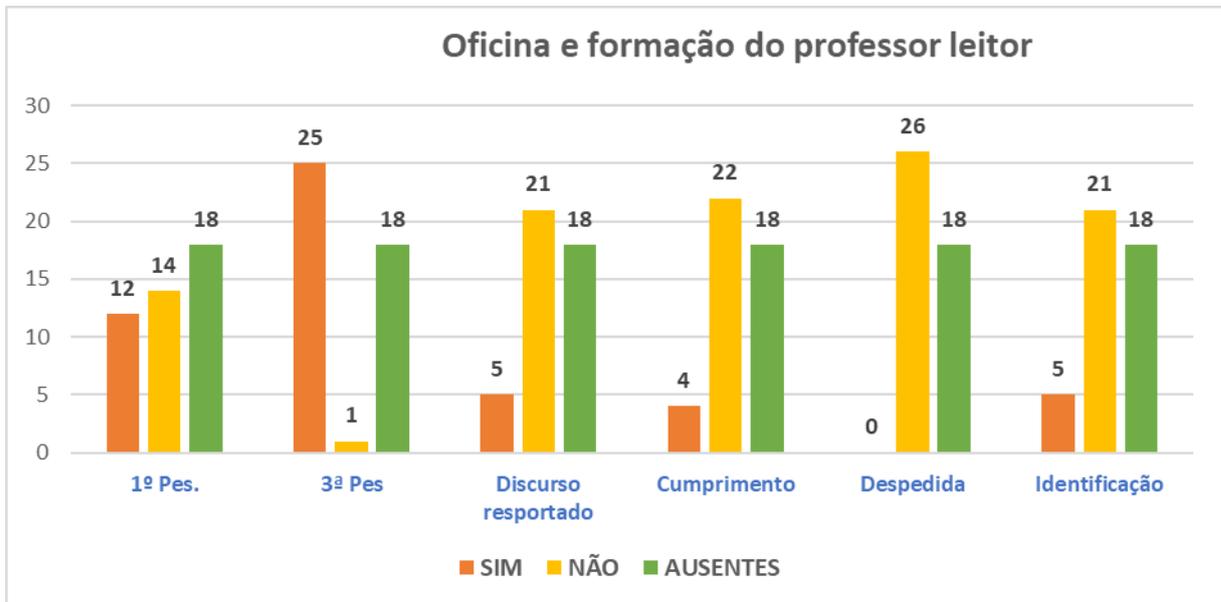
Quadro 1 - Dados presentes no fórum da disciplina Oficina e formação do professor leitor

Estudante	1ª Pes.	3ª Pes	Discurso reportado	Cumprimento	Despedida	Identificação foto
1	0	1	0	0	0	0
2	0	1	0	0	0	0
3	0	1	0	0	0	0
4	1	1	0	0	0	1
5	1	1	0	0	0	0
6	1	0	1	1	0	0
7	0	1	0	0	0	0
8	1	1	1	0	0	1
9	1	1	0	0	0	0
10	0	1	0	0	0	1
11	1	1	1	1	0	0
12	0	1	0	1	0	0
13	0	1	0	0	0	0
14	0	1	0	0	0	0
15	0	1	0	0	0	0
16	0	1	0	0	0	0
17	1	1	0	0	0	0
18	0	1	0	0	0	0
19	1	1	1	0	0	1
20	1	1	1	1	0	0
21	0	1	0	0	0	0
22	1	1	0	0	0	0
23	0	1	0	0	0	1
24	1	1	0	0	0	0
25	0	1	0	0	0	0
26	1	1	0	0	0	0
27	-	-	-	-	-	-
28	-	-	-	-	-	-
29	-	-	-	-	-	-
30	-	-	-	-	-	-
31	-	-	-	-	-	-
32	-	-	-	-	-	-
33	-	-	-	-	-	-
34	-	-	-	-	-	-
35	-	-	-	-	-	-
36	-	-	-	-	-	-
37	-	-	-	-	-	-
38	-	-	-	-	-	-
39	-	-	-	-	-	-
40	-	-	-	-	-	-
41	-	-	-	-	-	-
42	-	-	-	-	-	-
43	-	-	-	-	-	-
44	-	-	-	-	-	-
45	-	-	-	-	-	-

Fonte: A autora (2018).

O Quadro 1 é demonstrativo analítico das participações e ausências dos estudantes da disciplina oficina e formação do professor leitor, abaixo apresentamos o gráfico e a análise dos dados.

Gráfico 1 - dados do fórum da disciplina oficina e formação do professor leitor



Fonte: A autora (2018).

Observamos no Gráfico 1 os enunciados dos estudantes da disciplina Oficina e formação do professor leitor e como se caracterizam. O primeiro critério, utilização de primeira pessoa, apresentou 12 enunciados em primeira pessoa, denotando que o sujeito do enunciado é prioridade em relação ao enunciado, caracterizando o pertencimento, no entanto, em 25 enunciados há a predominância da terceira pessoa, característica da impessoalidade, descaracterizando, desta forma, o pertencimento.

Outro dado gráfico é o discurso reportado, no qual visualizamos que cinco enunciados, dos 26 expostos no fórum se posicionaram em relação ao discurso do outro, ou seja, consideraram o enunciado alheio em seu enunciado, fator que fortemente caracteriza a troca, a interação e, conseqüentemente, o pertencimento.

Constatamos que quatro participações privilegiaram o cumprimento em seus enunciados, mas não houve em nenhuma participação a despedida. Em cinco dos 26 enunciados identificamos a presença de foto do sujeito enunciatador.

A identificação em verde no gráfico representa o número de alunos que não participaram do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Oficina e formação do professor leitor, podemos observar que 18 estudantes do total de 45 regularmente matriculados mantiveram-se ausentes do fórum temático avaliativo durante todo o período de sua ocorrência.

4.2 Análises dos enunciados do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

Nesta disciplina percebemos, de maneira semelhante à análise realizada na disciplina Oficina de formação do professor leitor, alguns estudantes buscando a interação com o outro de forma efetiva, porém também identificamos aqueles que permanecem apenas realizando a tarefa solicitada, ou seja, expondo sua visão do tema sem considerar as demais participações, caracterizando o dialogismo centrado no tema proposto para o fórum.

No ANEXO C estão os dados da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, na qual constatamos que apenas 14 estudantes participaram do fórum temático avaliativo com um total de 18 enunciados, embora o número de participantes ativos na disciplina fosse de 40, conforme pode ser observado no ANEXO D. Para compreensão da análise, observemos o tema proposto no fórum desta disciplina:

Figura 13 - Fórum Temático Avaliativo: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM
(18106944)

Fórum Temático Avaliativo

Mostrar respostas começando pela mais antiga

Fórum Temático Avaliativo

Monday, 23 Apr 2018, 12:25



Buscar no fórum

A aprendizagem pode ser definida como uma influência relativamente permanente no comportamento, conhecimento e no raciocínio, adquirida por meio da experiência. Existem, outras capacidades demonstradas pelos indivíduos que são congênitas ou inatas, isto é, não aprendidas. Diante das afirmativas apresentadas no enunciado, justifique por que Indivíduos aprendem a lavar pratos:



Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Da mesma maneira que analisamos as interações da disciplina oficina e formação do professor leitor, a seguir analisaremos interações de três participantes do fórum temático avaliativo da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. A análise dos primeiros enunciados corresponde à identificação exclusivamente do monologismo.

Figura 14 - Fórum Temático Avaliativo: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **C** - Monday, 30 Apr 2018, 07:27

o vê um ato repetitivo diariamente o cérebro armazena as informações até que o indivíduo começa a colocar em prática.

Soma das avaliações: 10 (1) [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Este enunciado descreve uma observação do mundo e aborda que é recorrente “vê um ato repetitivo” não tendo marcação subjetiva, pois afirma algo como certo, utilizando expressões que conotam que está utilizando um estilo de linguagem que busca termos técnicos que se aproximam do conhecimento tipo divulgação científica, por exemplo: “ato repetitivo” “o cérebro armazena” “o indivíduo” e, além disso, sua participação não traz nenhuma marcação de diálogo, usando a terceira pessoa do singular, caracterizando, assim, o monólogo, sem qualquer busca de relação com um outro sujeito de enunciado.

Figura 15 - Fórum Temático Avaliativo: Objetivação

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **A** - Monday, 30 Apr 2018, 21:14

O indivíduo aprende a lavar um prato por que lhe é ensinado, e se torna extremamente necessário o ato de lavar o prato

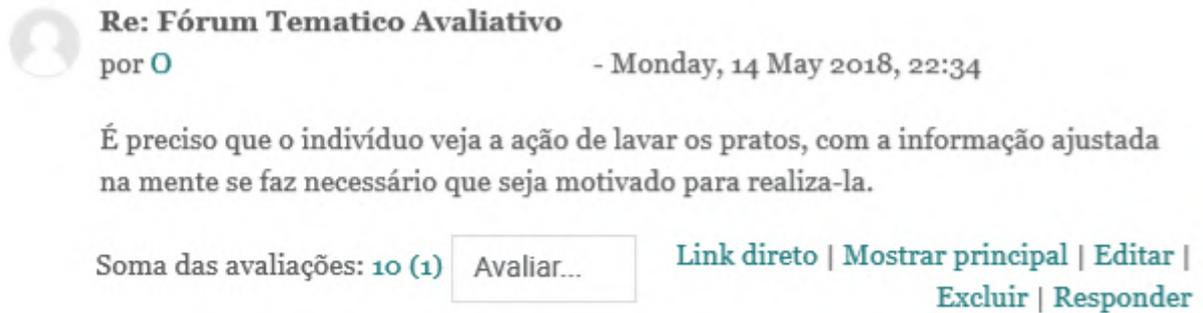
Soma das avaliações: 10 (1) [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Na interação acima, também é utilizada a terceira pessoa do singular, caracterizando a objetivação. De maneira diferente da interação anterior, pois não utiliza linguagem técnica, faz com que o monologismo se caracterize, também, com a linguagem que identifica o efeito de generalização para explicar seu

posicionamento sobre o ato da aprendizagem: “o indivíduo aprende” afirmativo e imperativo sem possibilidade de variação.

Figura 16 - Fórum Temático Avaliativo: Monólogo



Re: Fórum Temático Avaliativo
por O - Monday, 14 May 2018, 22:34

É preciso que o indivíduo veja a ação de lavar os pratos, com a informação ajustada na mente se faz necessário que seja motivado para realiza-la.

Soma das avaliações: 10 (1) [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Nesta terceira interação proposta, é utilizada uma construção que é impessoal, o sujeito diz, mas não se coloca no discurso, escondendo as marcas de subjetividade e, caracterizando, assim como nas demais interações analisadas, o monologismo.

Nas três interações analisadas, as marcas de interação são mínimas, os enunciados expõem o acontecimento sem se enunciar no discurso. Demonstramos com isso, que nestes enunciados, o nível do sentimento de pertencimento é anulado, no sentido de que eles não se veem como enunciadorees em interação naquele diálogo proposto, estes enunciados foram reunidos a partir do critério de compartilharem das mesmas características monológicas.

É importante frisar que, embora nosso foco seja os enunciados dos estudantes, a tutora responsável pela disciplina atuou de forma a conduzir os estudantes à troca de informações, ao contato e à reflexão em conjunto, porém mesmo com a postura da mediadora, as interações parecem individualizadas, procurando expor um conteúdo de forma objetiva e descaracterizada da necessidade de interação com o outro, não possibilitando, assim, a percepção nestas interações de interesse pela formação de uma comunidade a que possam pertencer.

A seguir, analisamos dois enunciados que não buscam apresentar diálogos, mas recuam para o monologismo ao propor visão excludente do sujeito da enunciação.

Figura 17 - Fórum Temático Avaliativo: “eu” 1

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **J.** - Wednesday, 9 May 2018, 21:10

Na minha concepção o indivíduo aprende de várias formas uma delas é observando outro indivíduo outra dela e com o aprendizado e outra com as experiências vividas ao longo da vida.

Soma das avaliações: **10 (1)** [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Figura 18 - Fórum Temático Avaliativo: “eu” 2

 **Re: Fórum Temático Avaliativo**
por **R.** - Saturday, 2 Jun 2018, 19:14

Penso que é pela curiosidade em primeiro lugar, seguindo pelo fato de querer imitar a pessoa e depois querer se aprimorar, ou seja querer fazer do seu jeito. Nesta experiência já notamos um exemplo de desenvolvimento na aprendizagem,

Soma das avaliações: **10 (1)** [Link direto](#) | [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: (INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD, 2018).

Os enunciados anteriores apresentam características importantes para nossa análise. Observamos que embora haja utilização do ‘eu’ caracterizada pela primeira pessoa do singular no início dos enunciados, há uma busca pelo ‘nós’ logo em seguida como que demonstrando que a percepção vai além do verificado exclusivamente por um ‘eu’, envolvendo o grupo nesta mesma percepção: “já notamos...”. Mesmo havendo esta inserção, não há abertura para a percepção diferente do outro, por isso, esta interação caracteriza a utilização do ‘nós’ exclusivo.

Constatamos que nenhum dos enunciados propostos visou interações nesta disciplina. Os enunciados propostos privilegiaram apenas resposta ao tema sem associação ou relação com o outro. Assim, percebemos nos enunciados da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, são quase que exclusivamente considerando o monologismo: responder à questão proposta. Os enunciados demonstram entendimento da proposta e, de formas distintas, propuseram a ideia comum que reflete o tema de que a aprendizagem se dá,

também, pela observação de modelos e imitação. Identificamos na análise demonstrativa elementos importantes que possibilitaram identificação quanto ao sentimento de pertencimento, quais sejam: utilização de primeira ou terceira pessoa; a ocorrência do discurso reportado, ou seja, faz menção do enunciado do outro; cumprimento; despedida e identificação por meio de foto. A demonstração considera o descrito nos capítulos teóricos quanto ao pertencimento: a relação e consideração do outro quando se deseja pertencer à uma comunidade.

No Quadro 2, expomos identificação global de participações e da ausência de participações do Fórum Temático Avaliativo da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. Caracterizamos com 0 a não ocorrência do critério informado, com 1 a ocorrência e com um traço os estudantes que não participaram do fórum. Para conferência das informações apresentadas, é possível verificação no ANEXO C desta dissertação, o qual contém os enunciados na ordem de suas respectivas participações.

Quadro 2 - Dados do Fórum Temático da disciplina psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

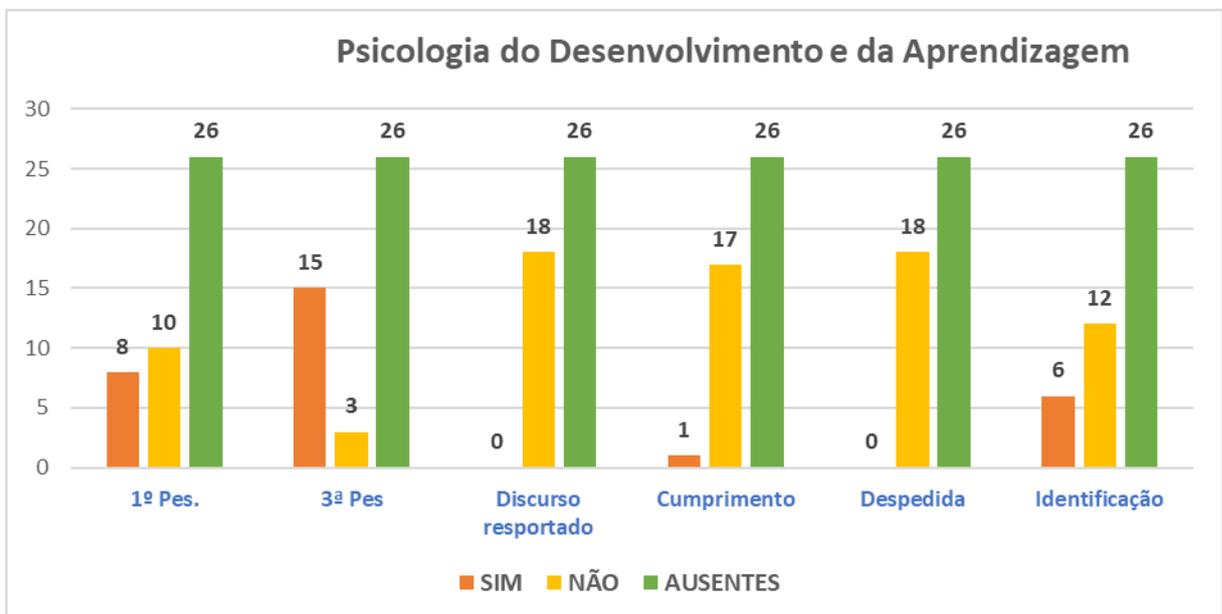
Estudante	1ª	3ª	Discurso	Cumprimento	Despedida	Identificação
1	0	1	0	0	0	0
2	0	1	0	0	0	1
3	0	1	0	0	0	1
4	1	0	0	0	0	1
5	1	1	0	1	0	0
6	0	1	0	0	0	0
7	1	1	0	0	0	0
8	0	1	0	0	0	0
9	0	1	0	0	0	0
10	1	1	0	0	0	1
11	1	0	0	0	0	0
12	0	1	0	0	0	1
13	1	0	0	0	0	0
14	1	1	0	0	0	1
15	0	1	0	0	0	0
16	0	1	0	0	0	0
17	0	1	0	0	0	0
18	1	1	0	0	0	0
19	-	-	-	-	-	
20	-	-	-	-	-	
21	-	-	-	-	-	
22	-	-	-	-	-	
23	-	-	-	-	-	
24	-	-	-	-	-	
25	-	-	-	-	-	
26	-	-	-	-	-	
27	-	-	-	-	-	

28	-	-	-	-	-	
29	-	-	-	-	-	
30	-	-	-	-	-	
31	-	-	-	-	-	
32	-	-	-	-	-	
33	-	-	-	-	-	
34	-	-	-	-	-	
35	-	-	-	-	-	
36	-	-	-	-	-	
37	-	-	-	-	-	
38	-	-	-	-	-	
39	-	-	-	-	-	
40	-	-	-	-	-	
41	-	-	-	-	-	
42	-	-	-	-	-	
43	-	-	-	-	-	
44	-	-	-	-	-	

Fonte: A autora (2018).

O Quadro 2 demonstra as participações e ausências dos estudantes da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, abaixo apresentamos o gráfico e a análise dos dados deste Quadro 2.

Gráfico 2 - Quadro de dados do fórum da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem



Fonte: A autora (2018).

O Gráfico 2 apresenta os estudantes e como se caracteriza o comportamento de seus enunciados na disciplina Psicologia do desenvolvimento e da

aprendizagem, porém, neste gráfico, verificamos que a maior relevância está na ausência. Constatamos por meio da cor verde que 26 estudantes, ou seja, a maioria dos alunos desta disciplina, encontram-se regularmente matriculados, mantiveram-se ausentes do Fórum Temático Avaliativo. Este dado é importante para nossa análise, pois a participação seria a premissa para a busca pelo pertencer a este grupo no Ambiente Virtual de Aprendizagem, que para nosso estudo se caracteriza como a comunidade dos estudantes participantes da disciplina e, desta forma, identificamos como não-pertencimento.

Em relação ao critério da utilização de primeira ou terceira pessoa, identificamos pelo gráfico que 15 estudantes privilegiaram a utilização de terceira pessoa, caracterizando o impessoal e o monologismo e oito apresentaram enunciados em primeira pessoa, se colocando como sujeito da enunciação e, assim, caracterizando a estratégia do pertencimento.

Dois dos critérios apresentados: discurso reportado e despedida podem ser considerados críticos nesta análise, ambos não foram pontuados, ou seja, nenhum estudante da disciplina Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem posicionou-se de maneira a considerar em seu enunciado o discurso do outro ou relação social por meio da despedida. Apenas um estudante se posiciona com cumprimento e dos 18 enunciados, em oito há a inserção de foto de perfil, o que pode significar o sentimento de pertencimento, de fazer parte, já que se coloca como sujeito do seu enunciado, se identificando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos, em viés interdisciplinar, trabalhar a perspectiva teórico-metodológica identitária, principalmente considerando Bauman e Hall, apoiando-nos na identificação do fórum enquanto gênero textual e considerando o monologismo e, em especial, o dialogismo, temas tratados a luz dos estudos de Bakhtin. O objetivo de analisar o pertencimento de estudantes em Fórum Temático Avaliativo EaD não foi de definir ou determinar certo ou errado, eficiência ou não-eficiência, mas problematizar o pertencimento em fóruns EaD, questão salutar tendo em vista as transformações socioculturais que temos vivido, as quais têm proporcionado mudanças no processo de ensino e aprendizagem.

Para atingir os objetivos, propusemos análise em que partimos dos estudos de linguagem de Bakhtin, sobretudo gêneros discursivos, monologismo, dialogismo e enunciação para identificar por meio dos enunciados disponíveis nos fóruns a caracterização identitária proposta por Bauman, Hall, Woodward e Silva e, desta forma, problematizar aspectos nestes enunciados relativos ao sentimento de pertencimento dos estudantes ao grupo de estudos das duas disciplinas, oficina de formação do professor leitor e psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

A questão desta pesquisa foi perceber no processo de interação em Fóruns Temáticos Avaliativos da EaD, proposto em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, o sentimento de pertencimento. Consideramos em nossa análise os enunciados produzidos pelos estudantes nos Fóruns Temáticos Avaliativos das disciplinas Oficina e formação do professor leitor e Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem do primeiro trimestre de um curso de Pedagogia.

Com a exposição do referencial teórico, conseguimos demonstrar como as noções de identidade e de sentimento de pertencimento são problematizadas pelos principais autores que abordam a temática no âmbito dos estudos culturais. Constatamos que as mudanças ocorridas com a globalização e o desenvolvimento das tecnologias impactaram na mudança de como os alunos se comportam, de como suas identidades são móveis e, em especial, na dificuldade em se estabelecer o pertencimento na pós-modernidade, em que as categorias tempo e espaço se apresentam de modo tão complexo em seus significados.

Com o recorte da realidade em EaD, evidenciamos as principais ferramentas da modalidade, com destaque ao fórum e identificamos que o trajeto da modalidade

é longo e antigo tanto no Brasil como no mundo, mas que tem se fundamentado em conjunto com as transformações identitárias, sociais e culturais promovidas, em grande parte, pelo desenvolvimento da tecnologia.

Conseguimos demonstrar a relação das transformações em EaD com o desenvolvimento da tecnologia tendo por base na globalização e, como este aspecto, tem sido importante na busca por novas formas de promover o processo de ensino e aprendizagem, o que, neste contexto, resultou no surgimento dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem como forma de proporcionar interatividade nesta modalidade.

Identificamos os Fóruns Temáticos Avaliativos do curso de Pedagogia como gênero discursivo e com proposta de ser predominantemente dialógico. A perspectiva de examinar o dialogismo do Fórum Temático Avaliativo foi possível ao considerarmos os discursos como elementos de caracterização da identidade e nos firmarmos nos estudos bakhtinianos de que os discursos são dialógicos por natureza, porém consideramos que o monologismo se apresentou de forma clara ao propormos como dialogismo apenas as interações que fizeram relação de um *eu* com um *outro* sujeito da enunciação.

É imprescindível reiterarmos que o dialogismo, de certa maneira, está presente em todas as participações dos estudantes que apresentaram seus enunciados, mesmo que suas ideias tenham sido baseadas apenas nos conteúdos abordados e respondendo ao tema proposto. Esta ação caracteriza o dialogismo, já que conforme explicitamos, este se dá a partir das relações estabelecidas com os enunciados produzidos em qualquer plano de discurso por meios linguísticos, não somente no diálogo com o *outro*.

Para nossa pesquisa, porém, o dialogismo centrado no enunciado padrão, ou tema, foi considerado como monologismo, no qual é nítido o interesse do estudante em responder o tema proposto somente, sem considerar os enunciados de outros participantes. O dialogismo verificado aqui foi aquele para além do tema, o qual considerou em seus enunciados a troca com os enunciados de outros participantes e os caracterizou, prenunciando o pertencimento, já que apresentou interesse em se desenvolver relação com o outro por meio de seus enunciados.

Nesta análise consideramos elementos que possibilitaram reflexão a respeito especificamente do sentimento de pertencimento dos estudantes. Como

apresentamos no primeiro capítulo, identificamos o pertencimento associado ao sentido de comunidade, ou seja, o interesse em fazer parte de algo estabelecido e, como vimos no processo desta pesquisa, o virtual passa a ser parte real de convívio dos sujeitos, não sendo diferente no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Ao considerarmos que dos 45 alunos inscritos apenas 17 participam do fórum, ainda que a proposta seja de cunho avaliativo, verificamos um nível alto de caracterização do não-pertencimento, ou seja, os enunciados, neste primeiro momento, não apresentaram conexão entre eles. A experiência discursiva demonstrou-se isolada; aparentando que os estudantes não se sentiram confortáveis em expor suas opiniões em relação aos outros estudantes, mesmo que com base nos conteúdos, a respeito da proposta elaborada pelo professor.

Este silêncio possibilita esta análise, justamente porque como abordamos no contexto do gênero discursivo, o Fórum Temático Avaliativo pressupõe resposta já que sua base inicial é por meio de uma pergunta ou um tema.

Como entendemos no capítulo três, uma pergunta pressupõe sempre uma resposta, por isso, podemos considerar que as relações dialógicas no Fórum Temático Avaliativo do curso de pedagogia EaD são explícitas. Como um tema foi inserido para discussão, eram esperadas respostas dos participantes e, neste aspecto, isso é percebido pelas participações dos interlocutores e mesmo no silêncio, já que neste contexto também compreende uma resposta, neste caso, de não-pertencimento.

Assim, nestas participações constatamos as características presentes nos diálogos e mesmo de ausência de diálogos como primeiro elemento que pode caracterizar o pertencer, por considerarmos como indicativos de que os estudantes, por estes quesitos, parecem sentirem-se pertencentes ou não do grupo no qual estão inseridos, em primeira instância, apenas ao grupo dos participantes do fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Como analisamos os discursos produzidos pelos estudantes em Fóruns Avaliativos Temáticos, estas características são evidenciadas e consideradas com base nas posições assumidas e pela inserção da imagem no ambiente virtual de aprendizagem, assim, percebemos nesta análise que os elementos da linguagem que nesta pesquisa consideramos adequados para reflexão do pertencimento do

aluno, tendo em vista que a identidade e o pertencimento se dão, também, na esfera do discurso.

Devido às características dos cursos EaD, conforme apresentamos no capítulo dois, é possível afirmar que as análises aqui expostas não refletem apenas o curso de pedagogia da referida instituição, podendo balizar ações e práticas em diversos contextos de aprendizagem EaD, já que o fórum ainda representa uma das principais ferramentas de interações assíncronas da modalidade.

Como já dito, consideramos um curso de pedagogia que formou sua primeira turma na modalidade EaD. Desta forma, é fundamental que se considere estes fatores para o real entendimento dos resultados aqui apresentados. A prematura experiência na oferta, o conhecimento inicial dos professores e tutores envolvidos e a iniciação dos estudantes na modalidade são fatores que podem refletir nestes resultados.

Os elementos considerados para a análise, quais sejam, a utilização de primeira ou terceira pessoa; a ocorrência do discurso reportado, ou seja, o considerar o outro, citar o outro ou tratar diretamente com o outro, cumprimento e despedida, além do dialogismo nos rendeu respaldos satisfatórios, já que foram balizadores como sinais básicos de relação com o outro.

Nesta perspectiva, a análise dos enunciados dos estudantes nos fóruns possibilitou-nos diagnosticar que neste primeiro trimestre de pedagogia, há estudantes que demonstraram sentir-se parte deste grupo e quererem estabelecer relação com o outro, porém o maior número dos participantes não pareceu, considerando os elementos de análise, preocupados com esta relação com o grupo para sentirem-se pertencentes.

Embora pareça-nos que é impossível pensar no sujeito sem esta relação com o outro, precisamos lembrar que com a ruptura da ideia das identidades fixas e permanentes, como aponta Bauman ou com as identidades descentradas como afirma Hall, esta possibilidade está instaurada em relação ao pertencimento.

Vimos com Bauman que a pós-modernidade trouxe uma pressão de que o individual deve se despojar de qualquer ação ou influência do coletivo. Hall e Bauman também concordam de que as transformações foram enormes nos modos de ser e habitar dos sujeitos entre a modernidade e a pós-modernidade. Podemos assim considerar a partir destes autores, que estas transformações são e foram

percebidas nos enunciados propostos pelos estudantes no fórum. As identidades dos estudantes também passaram por mudanças, e conseqüentemente há mudanças de se perceber e perceber o outro ou o habitar do sujeito em sua relação consigo e com os outros, trazendo à tona a pergunta de pertencer a quê e para quê.

A questão do pertencimento torna-se ainda mais relevante se estabelecermos a necessidade, no âmbito da educação a distância, que o aluno mantenha este contato, interação e relação com o outro para que o estudo a distância tenha sentido, pois a construção deste se dará, também e inclusive, por meio da interação com os outros participantes em especial neste estudo considerando os fóruns.

Assim, a constatação de que parte dos estudantes interage somente com o conteúdo exposto, sem grandes motivações em fazer parte daquele grupo é fator, ao nosso ver, de continuidade nas pesquisas, considerando que a análise teve como *corpus* os Fóruns Temáticos Avaliativos de duas das disciplinas de uma turma de ingressantes no curso de pedagogia em uma instituição de ensino com recém experiência em EaD.

Percebemos nos Fóruns Temáticos Avaliativos analisados, a caracterização principal no monologismo e não no dialogismo, na univocidade, não na interação com o outro, privilegiando, no que defende o pensamento do Círculo bakhtiniano, o eu-para-mim e desprivilegiando o eu-para-o-outro e o outro-para-mim. No entanto, apesar desta constatação, é imprescindível que tenhamos claro que as relações estabelecidas no Fórum Temático Avaliativo caracterizaram também o outro, embora não tenha sido a principal característica. O eu-para-o-outro, com predominância do dialogismo caracterizando o pertencimento ficou claramente em segundo plano.

Consideramos, que há diferença entre o sentimento de pertencimento antes e após a globalização. Antes o pertencimento era basicamente local, seja simbólico ou físico, no qual as interações ocorriam entre aqueles pertencentes a um mesmo local, ou a situações sociais comuns. O sentimento de pertencimento após a globalização que pode ser percebido como global, pertencimento que podemos definir como sensível, depende da interação entre os envolvidos, com característica de troca simbólica entre saberes, apreciações ou emoções, entre diferentes indivíduos e é esse pertencimento sensível o que pôde ser identificado nos fóruns analisados.

Ressaltados estes fatores, consideramos importante uma nova etapa com a continuidade da pesquisa com os mesmos alunos, do mesmo curso e na mesma

instituição para promoção de estudos comparativos e que possam revelar a permanência de tais verificações do não-pertencimento, conforme a ocorrência do curso e o desenvolvimento dos alunos com os conteúdos e, também com o grupo ao qual aderiram no ato da matrícula. A partir deste *corpus* maior consideramos, também importante, estender a análise para um *corpus* maior com abrangência do mesmo curso em outras instituições de ensino com mais tempo de experiência na oferta EaD.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EaD no Brasil. In: LITTO, Fredric Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13

ALVES, Lucineia. **Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de classificação econômica Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. 2016. Disponível em: <www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=09>. Acesso em: 8 maio 2018.

AZEVEDO, José Carlos de Almeida. Os primórdios da EaD no ensino superior brasileiro. In: LITTO, Fredric Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo. 2 ed. Pearson Education do Brasil, 2012. p. 2-5.

BATES, Tony. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editoria 34, 2016.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

_____. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Medo líquido.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Federal nº. 9.057, de 25.05.2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24>. Acesso em: 08 jul. 2018.

CAMPOS, M. I. de. Bakhtin e o ensino de língua materna no Brasil: algumas perspectivas. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n.11, p. 123-127, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Tradução de Roneide V. Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEREZO, José A. Ciência, técnica y sociedade. In: IBARRA, Andoni; OLIVÉ, León. (Eds). **Cuestiones éticas em ciência y tecnologia en el siglo XXI.** Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2003. p. 111-158.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade pós-capitalista.** São Paulo: Pioneira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa.25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HABERMAS, Jurgen. Técnica e ciência como “ideologia”. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSAWM, E. **The age of extremes**. Londres: Michael Joseph, 1994.

_____. The cult of identity politics. **New Left Review**. n. 217, 1996.

INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO EAD. 2018. Disponível em: <<https://italo.com.br/ead/>> Acesso em: jun.2018.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Suzana. Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão**. Tradução de Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____. **Cybercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.

LITTO, Fredric Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis, n. 73. p. 2-23, ago. 2005.

LUCCI, E. A. **A era pós-industrial**: a sociedade do conhecimento e a educação para o pensar. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vidlib7/e2.htm>>. Acesso em: 09 jun. de 2003.

MORAN, José Manuel; VALENTE, José Armando. **A educação a distância**: pontos e contrapontos. São Paulo, SP: SUMMUS, 2011.

_____. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com Tecnologias:** transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. São Paulo, 2000. vol. V, p.57-72. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

_____. **O que é educação a distância.** Rio de Janeiro, ano 1, n.5, 2002. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em 16/08/2018.

NUNES, Ivônio Barros. A história da EaD no Mundo. In: LITTO, Fredric Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a distância:** o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 2-8.

OROZCO GÓMEZ, G. O. Entrevista: Mídia, recepção e educação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n 26, p.16-23, abr. 2005.

_____. **Recepción y mediaciones:** casos de investigación en América Latina. Bogotá: Grupo Editora Norma, 2006.

PINHEIRO, L. V. R. P. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia.** Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pbcib/include/getdoc.php?id=76&article=251&mode=pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação:** conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior.** Campinas, 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

_____. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana,** São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago. - dez. 2014.

SCHMITZ, D. et al. Estudos de recepção: estado da questão e os desafios pela frente. **Intercom – RBCC,** São Paulo, v.38, n.1, p. 109-128, jan.-jun. 2015. Disponível: < <http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0109.pdf> >. Acesso em: 8 maio 2018.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000b, p. 69-102.

SILVA, L. A. P.; JOHN, V. M. Identidades de gênero nos estudos de recepção de telenovela: um olhar sobre a produção *stricto sensu* da última década. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21180>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

TRIVELATO, Silvia Luiza Frateschi. **A Formação de professores e o enfoque CTS**. Pensamento Educativo. Vol. 24 (Julho 1999), pp. 201-234

TURKLE, S. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Tradução de Paulo Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 8-68.

YOON, Taek Dong. **Desenvolvimento econômico comparado**: Coréia do Sul e Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Economia), CPGE/UFEGS, Porto Alegre.

ZANONI, E.; BACCARO, A.T. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem e sua Importância no Processo Pedagógico**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas. Londrina, v. 9, n. esp., p. 99-104, out. 2008. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/> Acesso: 28 jul. 2018.

ANEXO A - Fórum Temático Avaliativo

ANEXO B - Oficina de Formação: Participantes

ANEXO C - Fórum Temático Avaliativo: Psicologia

ANEXO D – Psicología: Participantes